Amarelo & Azul

2ª edição

Thiago Campos de Oliveira

Editora zarte

Amarelo e Azul

Amarelo & Azul

2ª edição

Thiago Campos de Oliveira

Editora zarte

Feira de Santana - Bahia
2026

Copyright © 2026 by Thiago Campos de Oliveira

Projeto gráfico: *Editora Zarte*
Editoração eletrônica: *Editora Zarte*
Capa: *Erica Silva*
Revisão textual: *O autor*
Revisão de provas: *O autor*

Conselho Editorial

Claudio André Souza

Joao Daniel Guimarães Oliveira

Maria de Lourdes Novaes Schefler

Mariana Fagundes de Oliveira

Maria Victória Espiñeira González

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O52

Oliveira, Thiago Campos de
Amarelo e azul / Thiago Campos de Oliveira. – 2. ed. – Feira de Santana : Editora Zarte, 2026.
144 p.

Ebook
Suporte: PDF
ISBN 978-65-83341-31-0

1. Literatura brasileira – Contos. 2. Contos brasileiros. I. Título.

CDU 869.0(81)-34

Elaboração: Luis Ricardo Andrade da Silva – Bibliotecário – CRB 5/1790

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Zarte
Rua Nacional nº 300 A, Parque Ipê
44054-064 — Feira de Santana, BA
Telefone: (71) 99116-6034 WhatsApp
E-mail: zartegraf@gmail.com

Ao garoto Thiaguinho:
Que possa viver sempre
dentro do homem,
no passado,
no presente
e no futuro.

Sumário

Contos

Veracidade 11
O esconderijo 16
A ampulheta 25
Solar 33
Lunar 35
Lumiar 37
Redoma 39

Contos de Fadas

O velho e a arca 57
O músico 62
Distraída contraída 74
O garoto e o pássaro azul 77
A história do menino sol e da menina estrela 87

Crônicas da vida

Amor 93
Futebol 95
Mensagem a janeiro 97
A farra dos livros 100

Informal 102
Que os duendes o acompanhem 105
Apanhar e esquecer. #SQN 107
Futebol II: Nem sempre vence o melhor. Ou não? 109
Cinética dos gases, cinética da vida 114
Sabor inigualável 117
Sabor indetectável 123

Crônicas Psiquiátricas

Nunca mais foi a mesma pessoa 129
Doutor, são SETE! 131
O bêbado e o artista 133
Garota enxaqueca 135
A Cesar o que é de Cesar 138
Amor de família 141

CONTOS

Veracidade

A história a ser contada
ocorreu em meados de 2016.

Contava D. Vera com recém completos setenta anos. Ativa, altiva e proativa, era o que popularmente se alcunhava como "uma jovem senhora".

Apesar de gozar sua personalidade extrovertida na vida de pensionista dona de casa, Vera era desconfiada e pouco arriscava a se abrir com estranhos. Tratava a todos com muita simpatia (o que passava até uma imagem de intimidade), mas conquistar sua confiança era um passo difícil.

Aproveitando o clima festivo pelas sete décadas de vida, lembrou-se que sua viuvez atingiu o décimo aniversário. Decidiu, portanto, enterrar o resquício de luto, pegar seu carro e viajar pelo Brasil. Um sonho de juventude que nunca havia realizado.

Como nada entendia de carros, pediu para o marido da vizinha, sua amiga, levar o carro (um Chevrolet Vectra ano 2009) no mecânico e fazer uma revisão. O mesmo lhe garantiu que tudo ia bem.

Sempre gozou de boa saúde e disposição. Viajar sozinha não seria problema.

Natural e residente em Campinas, decidiu subir ao nordeste, onde o ouvir falar de belas praias e clima tropical por todo o ano sempre atraiu a sua atenção e fantasias.

Viajava sempre com o dia claro, parando em cidades de médio porte para dormir, sempre em um bom (mas não muito caro) hotel. Recém aprendida a usar o celular, sentia-se muito feliz de se encantar com seus recursos, o que lhe permitia planejar muito bem os trajetos de viagem.

Certo dia o aplicativo não lhe avisou que a estrada planejada estava em reforma, de forma que teve de pegar um caminho mais longo. Entrou pela madrugada dirigindo. Forte chuva caia. Em local ermo, o pneu furou.

Não havia sinal de celular. D. Vera nunca havia aprendido como trocar pneu. Não via a quem pedir ajuda. Dividia com dificuldade algumas luzes tênues acesas ao longe.

Após um quarto de hora de desespero, onde pensava no que fazer, um homem de má aparência bateu na janela. Pelos seus pensamentos passaram as piores tragédias, de forma que se arrependera fortemente de ter viajado sozinha.

Uma mulher, idosa, só, nas estradas! Mas que loucura, pensava. Jamais deveria ter ido.

Desconfiada, quase em pânico, abriu o vidro para encarar o estranho.

— Senhora, não quero lhe fazer mal. Meu nome é Martinho e estou aqui para ajudar. Qual seu nome?

— Ve... Vera.

— Dona Vera, a senhora poderia abrir o porta-malas para eu pegar o macaco e as ferramentas?

A elegante senhora obedeceu. Pressionou o botão de abrir malas e permanecendo no carro, travou as portas e fechou quase que totalmente os vidros, como que para se proteger dos seus próprios medos.

Enquanto trocava a roda, Martinho ia gritando na chuva, comentando como gostava de ajudar as pessoas. Disse

que morava nas redondezas e que acidentes como o dela ali eram comuns. "A senhora é a terceira apenas esta semana", disse.

Apesar da cicatriz fina no rosto, dos dentes posteriores apodrecidos, das vestes rotas e da péssima aparência, Martinho, olhar de brilho indefinível, parecia ser um homem lúcido e gentil em sua grosseria.

— Se neste mundo todos se ajudassem, teríamos um lugar melhor.

As palavras ditas em tom ameno e soando despretensiosas tiveram o poder de acalmar a corajosa (mas apavorada) senhora.

Após alguns minutos, já muito mais tranquila, D. Vera perdera então totalmente o medo. Martinho trocava o pneu enquanto palestravam sobre as amenidades que a situação permitia. Era evidente que aquele homem não lhe faria nenhum mal.

Pensou na estranha aventura a que tinha se lançado e rememorou os momentos do passado nos quais mentalizou cenas semelhantes (o que sabia ser um risco), sempre com um final infeliz, o que lhe causava arrepios.

Chegou a pensar que a hora de viver o que seus pesadelos sempre reproduziam havia chegado, mas estava enganada. Aquele homem não lhe molestaria.

Terminada a troca, Martinho foi até o vidro (que Vera abaixou três dedos):

— Quanto lhe devo meu amigo? Disse sorrindo.

— Só lhe peço que ajude a próxima pessoa necessitada que encontrar. Que não deixe de estender a mão a um

necessitado. Que não se deixe julgar pelas aparências e que continue acreditando que o bem e o amor sempre vencem a injustiça.

Despediram-se com sorrisos. Martinho recusou qualquer pagamento. Dona Vera deu a partida.

Ia feliz. Será que valia a pena confiar nas pessoas, como muitos diziam? Sentia-se leve, acreditando na bondade alheia.

Tinha recebido uma linda lição. E vinda de uma pessoa improvável em um local e momento mais improváveis ainda!

Devemos olhar a essência, não a aparência! Pensava.

A chuva ia forte. Dona Vera havia dirigido por cerca de um quilômetro em baixa velocidade. O local onde estava lhe parecia ainda mais deserto. Não havia nenhuma casa na região. A palhoça que parecia ser a casa de Martinho ficara para trás.

Percebeu que o carro estava com a direção desalinhada e, novamente, teve que parar. Olhou pelo vidro encharcado e percebeu que o mesmo pneu estava vazio novamente.

Desta vez desceu. O que viu não foi o estepe novo, e sim o mesmo pneu velho, com um rasgo à faca na base que não poderia ser sido feito por um buraco na estrada.

Por um segundo, o terror e o temor lhe invadiram. Lembrou-se de Martinho.

Era tarde.

O homem apareceu da sombra, agarrou-lhe por trás em uma gravata, cortou-lhe o pescoço com a mesma faca que cortara o pneu, perfurando facilmente a pele, a carótida, os tendões, a traqueia e os feixes musculares.

Enquanto Vera agonizava e a chuva levava e lavava o seu sangue, Martinho (que não era seu nome verdadeiro) calmamente colocava o estepe verdadeiro no lugar. Pensou neste momento em como tinha sido fácil enganar aquela velha dondoca que não entendia nada de carros. Após alguns minutos, deu a partida, abandonou o cadáver e ganhou a estrada.

Estava trêmulo, angustiado e muito preocupado.

Já eram quase quatro! Tinha chegar no ferro velho antes do amanhecer para conseguir um preço melhor.

Lição:

Valorize a essência, não a aparência.

Mas lembre-se que o MAL *não pensa assim.*

O esconderijo

Um casal de professores de classe média, em São Paulo, vivia em um bairro suburbano antigo, de relativa tranquilidade.

Sempre muito interessado em televisão, desenhos animados, quadrinhos e jogos de temática medieval, a imaginação e a criatividade férteis do garoto sempre chamaram atenção de seus pais e de sua família. D. Samíria, sua mãe, professora primária, percebia no filho o lampejo da inteligência ingênua em sua personalidade bondosa e de boa vontade.

O garoto, de nome Rafael, passava as tardes livres (após a escola) a criar histórias sobre os mais diversos temas, sempre envolvendo aventuras e (às vezes) romances. Após ler sobre as guerras mundiais nos livros de história, sua mente passou a ser invadida por cenas de esconderijos e abrigos. Casas, subterrâneos, porões e sótãos. Prisões, calabouços, criptas, castelos. A palavra "esconderijo" o fascinava.

Esconderijo! Pensava. De onde poderia, sem ser visto, a tudo enxergar. Sentia então, tal qual um homem invisível, a fantasia de ter o poder de interferir e sondar as realidades alheias, sem que o mesmo pudesse ser feito com a sua realidade. Pensava assim controlar sua pretensa ação no mundo.

Do alto dos seus doze anos, todas as noites, escrevia no seu diário:

Tenho tido visões, cenas e imagens de esconderijos. Esconderijos subterrâneos, bunkers e quartos do pânico. Caste-

los, porões, criptas, mausoléus, bancos, jaulas, alçapões, calabouços. Não apenas os imagino. Eu os visito. Eu vou até lá e os vejo. Sinto como se estivesse lá. Estes esconderijos me trazem uma sensação de poder. O poder de não ser visto. O poder de não ser encontrado. Num mundo onde pessoas expostas são extremamente vulneráveis ao mal, ter um esconderijo é ter poder. É a vanguarda. É a vantagem e o privilégio.

Apesar de estimular a fértil criatividade do filho, D. Samíria, impelida pelo senso materno da educação que normatiza e educa, tentava trazê-lo para o universo da lógica mais linear e concreta. Quando falhava em seu intuito, vencida, perguntava: "meu filho, para que esconderijos?"

Meses se passaram. O tema ganhou força na vigília de Rafael. Pensava no assunto cada vez mais (embora falasse cada vez menos), alimentando-o, dando-lhe assas, dando-lhe forças. Cada pensamento e cena de esconderijo se desdobravam numa avalanche de ideias e imagens. A princípio, criava histórias, jogos e desenhos. Transformava em sua arte.

Com o passar do tempo, as vazões criativas minguaram. Já o poder que tais imagens tinham sobre a mente de Rafael eram estupendas.

Rafael passou a perceber, junto com as imagens mentais e seus desdobramentos, vozes (às vezes perfeitamente audíveis) que conversavam entre si.

— Tenho uma teoria. A que equivalem os abrigos? O que é um abrigo não literal? Perguntava a primeira voz

— O verdadeiro esconderijo é a total falta da necessidade dele. É ter livre circulação, passar despercebido, simplesmente não ser um alvo. Simplesmente não ser o alvo, respondia a outra.

As emoções da aventura e da fantasia passaram a dar espaço à angústia, à ansiedade e à preocupação intensas. Paranoico com o medo do desconhecido e sonhando com locais protegidos, Rafael viveu longos anos tendo sonhos, pesadelos e fantasias com calabouços, subterrâneos, quartos secretos e desejos do invisível. Às vezes verbalizava, mas não davam importância.

Cada vez mais isolado socialmente e da família, nos lampejos (cada vez mais raros) de lucidez, chegou a se perguntar do que estava se escondendo. Desenvolveu então, em paralelo às fantasias escondidas, uma curiosidade sobre *qual seria a ameaça* que o abrigo lhe estaria poupando.

Ameaças possíveis, então, começaram a jorrar em imagens mentais.

Aos dezesseis anos, para quem olhava de fora, Rafael havia quase que totalmente se alheado ao contato com as pessoas. Deixou de ir à escola e passava os dias calado (às vezes falando sozinho mucitações sobre esconderijos), no seu quarto.

A esta altura, a cada sonho, a cada dia, a cada pensamento, seus esconderijos ficavam mais sofisticados e difíceis de serem encontrados. E uma ameaça que sequer existia e passou a ter rosto. Passou a ganhar caras cada vez mais pavorosas.

Pequenos vazamentos. Pequenas chuvas. Pequenos insetos. Animais, insetos maiores, repteis cada vez maiores. Pessoas más, ameaçadoras. Bandidos, psicopatas, assassinos. Homens invejosos, irrequietos, adoecidos. Zumbis, monstros mitológicos, apocalipse. O espectro de ameaças se polarizava cada vez mais.

Aos dezoito anos, Rafael vivia quase que exclusivamente neste mundo, tamanha a energia que ele ganhou. Do mundo externo, mal se preocupava com a alimentação e com a higiene.

Seus pais ficaram preocupados. O garoto sempre gostara de cavar buracos no quintal. Cada vez mais fundos, cada vez mais elaborados. Cada vez mais bem feitos.

Sua mãe, após anos lidando com a esquizofrenia do garoto (pelo menos era este o diagnóstico que lhe deram em uma visita médica domiciliar, há alguns anos), percebeu que os medicamentos para o caso, considerado refratário, faziam pouco efeito. As três internações em clínicas psiquiátricas o deixaram um pouco mais calmo e comendo um pouco melhor, mas invariavelmente piorando após alguns meses.

Nesta época, Simíria notou em si alguns fatos curiosos. Notou que a cada três meses, em média, tinha sonhos que se repetiam. Recapitulando, percebeu que os sonhos tinham uma temática vaga, como a sua entrada solitária numa cafeteria ou lanchonete, um pedido no balcão de um sanduiche com café ou suco e o acordar após o garçom derrubar o café preto em sua roupa, como que atrapalhado, ansiosos ou agitado.

Passou então a sonhar com restaurantes localizados em porões ou terraços. Passou a perceber que, apesar de diferentes, *visitava o mesmo lugar.*

Passara a notar que, a cada quatro ou cinco sonhos, surgia um garçom que lhe lembrava seu filho. O garçom passou a derramar cada vez mais copos em sua roupa. O garçom parecia cada vez mais jovem. Ao descer à adolescência, por um breve lampejo, em certa noite se mostrou com a face de Rafael.

Acordara ensopada em suor. O garoto pedira ajuda? Era seu filho? Uma forte intuição a perseguia. Dormia todas as noites *pedindo ao sono* para voltar ao restaurante (já pequenos estabelecimentos em porões).

Nunca havia se preocupado com questões envolvendo religião, espiritualidade, sobrenatural ou paranormalidade. Contudo, a desconfiança e a intuição que a perseguia e principalmente a cena forte da imagem onírica quase real que tivera com a face de Rafael a impelira neste mundo oculto e desconhecido.

Já sonhava semanalmente com o garçom (que sabia ser seu filho).

Na vida real, imerso em seu mundo, o rapaz permanecia em mutismo e negativismo, nada falando e apenas se alimentando após muita insistência. Simíria pediu licença não remunerada do seu emprego público para melhor cuidar de Rafael.

Quando Rafael fez vinte anos, Simíria passou a ter sonhos diários com o restaurante, já no mesmo lugar e com o mesmo aspecto. Dizia ao marido que toda noite tinha um compromisso ao dormir.

Nos sonhos ao derramar o café ou suco, o garçom-garoto-filho conversava um pouco. Dizia que não aguentava mais trabalhar naquele lugar e que sempre que ia pedir demissão, o gerente a quem se reportava era também demitido, de forma que não conseguia levar seu pedido adiante. Contudo, sentia-se confortável de trabalhar e morar naquele lugar, onde nada lhe faltava e onde tinha a segurança de estar empregado.

Simíria achava seu próprio comportamento estranhíssimo. Mas seu amor de mãe lhe dava esta louca esperança.

Acreditava, contra todas as suas crenças, que conversava com Rafael por um canal totalmente desconhecido e inusitado.

Uma determinada noite, antes de derramar o copo de café na roupa da mãe e fazê-la acordar (geralmente acontecia neste rito), O Rafael onírico contou-lhe uma longa história: Na pré-adolescência, era apaixonado por uma garota chamada Luiza.

Na mesma semana em que começaram a namorar, seu intenso e idílico sonho de amor infanto-juvenil foi subitamente cortado: O pai de Luiza perdeu o emprego e, com as dívidas, sua casa foi devolvida ao banco e demolida. Tiveram que se mudar para o interior e nunca mais deram notícias. A perda súbita do bem mais precioso que jamais teve, associado à ideia de que algo poderia lhe ser tirado a qualquer momento trouxeram pânico ao rapaz.

Aquilo cresceu.

Simíria, emocionada por ter compreendido a gênese da loucura de Rafael, acordou com um sobressalto. Sim, lembrava-se de há uns dez anos atrás uma vizinha de quatro casas ao lado ter passado por episódio semelhante. Perderam a casa e mudaram-se sem dar notícias.

Os sonhos continuavam, contudo.

Numa noite muito escura, num porão vazio, seco e abafado, o garçom fora taxativo ao derramar o suco: cometeria suicídio. Não aguentava mais aquele, medo, aquela prisão e aquela rotina. Apavorada, a jovem senhora questionou-lhe do que tinha medo. *O que era tão penoso, tão difícil no mundo?*

O diálogo onírico entre Rafael e sua mãe tornava-se cada vez mais real, lúcido e concreto.

— O perigo. Qualquer perigo. Um mundo de perigos é um mundo onde *nada vale a pena ser construído*, pois pode ser *destruído a qualquer momento.*

Em pânico (sabia que se acordasse seria tarde demais), a jovem senhora passou a falar do amor. A mencionar que o amava e que muitas pessoas também o amavam, e que o maro não pode ser destruído. Por mais que as circunstâncias mudassem, a essência do amor, da prestatividade, do que é construtivo e virtuoso jamais se apagaria. Quer maior segurança que essa? Em desespero, terminou gritando-lhe:

Tenho uma teoria. A que equivalem os abrigos? O que é um abrigo não literal? O verdadeiro esconderijo é a total falta da necessidade dele. É ter livre circulação, passar despercebido, simplesmente não ser um alvo. Simplesmente não ser o alvo. Quem ama e é amado cega os olhos do mal.

O garçom derramou o café, como de costume. Acordou. Não voltou a dormir naquela noite.

Na noite seguinte, não sonhou mais com Rafael. Simíria passou a ter sonos negros, sem sonhos, sem descanso. Seu luto pelo filho vivo viera com toda força.

Anos se passaram. Aos vinte de cinco anos, Rafael definhava a olhos vistos. As internações e as sessões de eletroconvulsoterapia, prescrita pelos psiquiatras, não surtiram resultado.

Extremamente cansados, seus pais estavam sem esperanças. Familiares e vizinhos se compadeciam da tragédia por qual passava aquele casal simpático, afável e bondoso.

Numa chuvosa tarde de sábado, a campainha tocou insistentemente. O pai abre a porta e a buzina insistente tomou corpo: Uma moça de vinte e poucos anos, pele more-

na clara, cabelos negros curtos, se identificou como Luiza e perguntou por Rafael.

"Dona Luiza, ele está há mais de dez anos doente. Não se comunica e nada fala. Está à beira da morte. Quem é você? Por que apareceu agora?".

Luiza começou a chorar. Após ser convidada a entrar, sentados na sala sóbria, com poucos móveis, contou aos pais do garoto que há dez anos se viram apaixonados e, inebriados de fantasias, juraram nunca mais se separar.

Enquanto Luiza contava os detalhes, Simíria foi tomada por profunda emoção. *Então estava certa! Era tudo verdade!*

Após contar toda a história, Luiza terminou por dizer que decidira voltar à cidade após ter sonhado com um Rafael adulto, doente e emagrecido, pedindo perdão por tê-la abandonado. Contou que no sonho falou que não havia nada a ser perdoado e que *o amor é a maior segurança e vencedora de barreiras que alguém poderia ter.*

Não conseguindo esquecer a força das imagens do sonho, decidiu sair da cidade do interior onde morava e foi à antiga rua, sem saber direito a quem e por que procurar.

Convidada para jantar, Luiza sentou-se à mesa. Neste momento, diante do olhar perplexo de todos, Rafael adentrou a sala. Seus olhos lúcidos, calmo e brilhantes contrastavam com seu péssimo aspecto físico.

Apesar de emagrecido e muito debilitado, teve força para caminhar e abraçar Luiza. Chorou convulsivamente. Como se não o tivesse feito desde a infância. Seus pais acompanharam o pranto naquela tarde de benção e surpresa.

***

A notícia do milagre espalhou-se pela vizinhança. Perplexos, os médicos não sabiam como explicar o absurdo fato.

Mas duas mulheres sabiam muito bem. Se contassem, ninguém acreditaria. Decidiram, sem nenhum rancor, guardar o segredo.

Os sonhos nunca foram revelados.

Rafael, em alguns meses, estava plenamente recuperado, física e mentalmente.

Após período de visitas mútuas, Rafael e Luiza reataram o namoro (agora adultos) e, após alguns anos, quando Rafael fez três décadas de vida, casaram-se num grande descampado cercado por um belo jardim em uma propriedade na zona rural do município interiorano que a família de Luiza vivia.

Não havia porão, prisão, subterrâneos, calabouços ou sótãos.

Não havia esconderijos.

E foram felizes para sempre.

A ampulheta

Rubens era um garoto comum.

Pele morena clara, filho de comerciantes informais, crescera num bairro de classe média baixa antigo na cidade do Recife.

Levavam vida simples. Não faltava o essencial, mas não havia nenhum luxo ou regalia. Não tinham carro, andavam sempre de transporte público. Brinquedos novos, apenas nos aniversários. Comer fora nem pensar, era uma raridade.

Sonhador e educado, sempre prezou pela manutenção das suas amizades e vínculos familiares. Não que fizesse grande esforço para isso, mas gostava de apreciar a ideia que o vínculo estabelecido com os amigos persistia mantido. Era bom saber que tinha alguém para quem se aprochegar.

Dentre as vivencias adolescentes, fez da vizinhança e dos amigos de escola sua grande família. Pelo menos, era o que projetava para eles dentro de si.

Sua casa, seus pais e seus vizinhos eram para Rubens o sustentáculo indispensável da sua vida. Imaginava-os, nos sonhos noturnos e de vigília, como as raízes invisíveis soterradas ao sopé de grande e frondosa árvore.

O mundo via as árvores e admirava suas folhas.

Rubens não via a raiz. Mas admirava-lhe a existência. E a reverenciava.

Não, não via a árvore.

E assim era para tudo. E apesar de tímido, ele falava. Falava sobre todas as coisas.

Seus pais e colegas se acostumaram com as maluquices do garoto, tido como excêntrico e avaliado num espectro que ia desde a admiração e assombro até o desprezo e a zombaria.

Aos dezoito anos, entrou para a faculdade de engenharia (para orgulho dos seus pais). A faculdade pública funcionava em um imponente edifício localizado no centro da cidade, muito distante da sua casa (num bairro quase periférico).

O deslumbramento com o novo mundo, novos colegas, novas pessoas e novos conhecimentos só não foi maior que a saudade dos amigos com quem crescera. O ato de se deslocar para tão longe da sua casa e de passar praticamente o dia fora tinha uma simbologia de distanciamento tão grande que Rubens achou que não pudesse suportar.

Rubens precisava de se sentir acolhido, pertencente. Afetivo, amigável, familiar. A falta de intimidade lhe dava falta de ar.

Vislumbrando em sua tela mental uma corda de sisal, imaginava Rubens que suas emoções eram como um elástico esticado ao máximo. De um lado, a saudade. Do outro lado, a vontade de viver a nova vida.

Lembrou que quando pré-adolescente, uma psicóloga na qual fora levado pelos pais teria dito que "essa coisa de se apegar demais, mesmo ser ter tanto apego, tem que ser trabalhado".

"Seria ótimo se esta corda se partisse", pensava. Pelo menos não teria que viver as agruras da distância nem do desconhecido.

Mas a corda permaneceu firme. Sem enlouquecer, adoecer, ou tomar partido definitivo, Rubinho (como era chamado pelos amigos) persistia dilacerado.

Bela noite, sonhou com uma piscina. Águas límpidas, azuis e cristalinas, no frescor matinal ao sol do outono num belo quintal de confortável mansão suburbana.

Encantado com a muda imagem, passou a registrar seus sonhos em ímpeto febril.

Contudo, não estava bem. Não estava adaptado à nova vida. Ansioso e preocupado com emoções que nunca vivera, passou a ter dificuldade para iniciar o sono.

Por conta da insônia, passou a chegar atrasados às aulas. No início, passou despercebido. Depois passou a chamar atenção (inicialmente dos colegas, depois dos professores). As críticas veladas provocadas por atos que sabia ser de sua responsabilidade incutiram forte sentimento de culpa. Apesar de nunca ter cogitado abandonar as aulas, buscava escape na vivência com as amizades e hábitos antigos, por mais fugazes que fossem.

Bamba, se manteve firme.

Contudo, desgastado, passou perder as forças para esticar a própria corda.

Assim, após meses de luta, Rubinho decaiu. Isolou-se progressivamente das pessoas. Suas notas despencaram. Tinha pesadelos diários. Não compreendia como uma corda esticada por extremos tão positivos poderiam estar lhe gerando tanto sofrimento. Cada vez mais triste, sem prazer com nada, emagrecido e desinteressado da vida, passou a pensar em suicídio.

Anos se passaram. A custo conseguira se formar. Seus amigos antigos se afastaram. Alheios, seus pais achavam que a maturidade a tudo resolveria.

Cronicamente deprimido, se achando no fundo do poço, passou Rubinho a sonhar, às noites, que estava preso em uma cela. Apesar de conseguir vislumbrar pela janela o belo dia de sol, via-se sem carcereiro em uma jaula sem chave. Tinha em mãos apenas um caderno e um lápis encurtado de tanto uso.

Em sonho, passou a escrever:

Venho sonhando com uma piscina. Uma piscina em uma casa próximo da minha faculdade. Ao entrar na faculdade, guardei forte apego aos tempos de escola. A saudade dos colegas era proporcional ao medo de perdê-los para o tempo. Ainda assim, era inescapável constatar esta ocorrência, como areia a escoar dos dedos, pouco a pouco.

Neste panorama, qualquer contato ou proximidade com eles, principalmente de forma a lembrar o velho convívio e sua intimidade era motivo de jubilo. Tanto mais jubiloso o era quanto mais semelhante fosse o contato presente ao contato do passado.

Apesar de aparentar desejar viver uma foto como se fosse um filme, era como era.

Esta saudade, essa dor da perda, este apego ao impossível de ser preso remete ao mito da ampulheta: A prisão do tempo é uma ilusão. Não para os cancerianos.

Esta ampulheta, apenas um pensamento, fruto da condensação das memórias, ganhou forma. Após ganhar forma, ganhou vida. Após ganhar vida, ganhou inteligência. Após

ganhar inteligência, ganhou personalidade e, pra piorar, buscou exercer sua vontade.

Certa noite, não sei ao certo, apareceu-me. Caminhava eu para a faculdade (símbolo mor do temor da perda dos queridos do passado, apenas por simbolizar o presente), quando os amigos me ligavam: "Cara, estão todos aqui, vem com a gente". Como abandonar o treino militar, a batalha, a guerra, em plena quarta feira? Para estar com eles, valia de tudo. "Tudo bem", disse.

Numa casa, num quintal com piscina, numa conversa espontânea e descontraída, num jogo de futebol, às nove da manhã de uma quarta, ocorria o milagre da solidão. O milagre da reunião improvável num horário impossível de grãos de areia espalhados pela praia, mas ainda assim presos numa ampulheta.

A minha ampulheta. Extremos iguais. Lados iguais.

Após esta noite, escreveu num diário o máximo que se lembrava do que tinha escrito no sonho. *Estranho*, pensava, *um sonho dentro de um sonho. E ainda por cima um sonho dentro de um sonho, sobre outro antigo sonho!*

***

Daí em diante, nunca mais sonhara com piscinas, jaulas e ampulhetas. Nunca mais tivera um pesadelo sequer.

Mesmo deprimido, decidiu tocar sua vida o melhor que pudesse. Resolvera enfim olhar pra fora. Que alternativa tinha?

Décadas se passaram. A cada dia, seus amigos antigos e a nova faculdade mudavam de cor. Então vieram os novos amigos (que foram se tornando antigos), o novo trabalho

(que se tornou velho), a nova namorada (que se tornou a velha esposa), os colegas dos novos trabalhos... e a vida deu suas voltas. Mas nunca estava satisfeito. Tinha uma lente cinzenta para enxergar tudo, reclamava bastante, vivia triste e irritadiço, era visto pelos amigos e conhecidos como um chato.

Seus pais faleceram, seus filhos saíram de casa e se casaram. Rubinho sentia-se infeliz. Mas suportava. Dormia, acordava cedo, e amanhecia. Todo dia era igual.

Após alguns anos do casamento da filha mais nova, nostálgico e saudosista como era, decidiu se mudar para próximo do bairro onde passara a infância. Comprou uma boa casa e foi preparar a mudança.

Ao remexer em caixas antigas, encontrou um velho diário, todo amarelado e com partes carcomidas pela umidade, onde encontrava a descrição de um antigo sonho.

Em forte *insight*, passou pela sua mente toda a sua vida e compreendera que, da conexão de polos emocionais, de desejos, vontades e angústias tão opostos, conseguira encontrar bons momentos e se sentia realizado com tudo que conseguiu construir.

Lembrou da formatura, do namoro com sua amada esposa, do casamento, das viagens, das ascensões profissionais, do nascimento dos filhos, da aposentadoria... e agora do ninho vazio. A sensação do sonho, de uma lufada de ar fresco em meio a um turbilhão marrom e vermelho de tensão e dor, lhe acompanharia a certa distância. Como uma câmera de segurança a lhe vigiar sem se aproximar.

Cada etapa vencida, cada momento decisivo, cada virada de calendário se desdobrava como num filme. Seu tra-

balho e sofrimento foram sementes de uma farta colheita. Nunca tinha percebido.

Olhou para a esposa na mesa (que fazia contas), para a aliança no dedo, para o memorial dos pais sobre o aparador, e se perguntou por que investira tantos anos ao esticar a corda dos seus próprios medos. *Tudo foi para onde devia. Por que tudo isso, meu Deus?*

Rubinho percebeu que tudo fazia parte de uma coisa só. Fazia parte de um todo de defeitos e virtudes que o tornava único, singular e intransferível de si mesmo. Se orgulhou disso. Tudo estava certo. *Nunca esteve fora do lugar.*

Assim pensando, calçou o tênis e saiu para correr na orla da cidade – hábito que tinha, a pulso, instituído alguns meses antes. Ia pensando na incrível experiência (totalmente íntima) que acabara de vivenciar. *Como nosso universo é grande! Por que perdi tanto tempo?*

Rememorou os anos de depressão, os anos onde viveu uma vida aparentemente insossa, sem consegui valorizar tudo o quanto havia construído. *Por que não gozara? Por que não aceitara? Por que não pensou mais no assunto? Por que não olhou mais para si? Por que se abandonou? Por quê?*

Parecia que estava acordando de um longo sono. As perguntas iam e vinham neste fluxo torrencial. Antevia, em oposição, o manancial de alegrias que poderia vivenciar. Mas como saber?

Mal sabia que a resposta a esse questionamento estava próxima e lhe espreitava.

Terminou de correr, comprou uma água de coco e desceu para a praia. Queria dar um mergulho no mar proibido pelos tubarões. Viu neste momento um garoto, que deveria

ter uns sete anos, desatar correr para a água e jogar fora um objeto, que parecia um brinquedo qualquer. Vestia uma camisa de futebol mirim onde tinha um nome escrito (provavelmente o nome do garoto): *Rubens.*

Rubinho foi tomado de profunda emoção. Percebeu que os cabelos negros e cacheados do garoto lhe lembravam muito sua aparência quando da sua infância - agora tão distante. Pensativo, coçou a barba e os cabelos brancos (que penteava para o lado para tentar esconder a calvície).

O garoto então se afastou. Rubinho ainda conseguiu, ao longe, divisar uma mulher (que deveria ser a mãe do garoto) a gritar:

— Rubens, por que jogou a ampulheta no mar?

Solar

A um antigo melhor amigo

Era uma vez um guerreiro. Sem armas, sem guerras, sem paz. Em busca do sentido.

Embasbacava-se com o leite cremoso das teclas do seu instrumento. Daí construiu seu mundo.

O guerreiro apaixonou-se pela princesa. Não podendo tê-la, brigou com a corte e saiu dos castelos do reino.

Foi a sua primeira batalha.

Cavaleiro andante e solitário, abraçou a causa dos oprimidos. Buscava um sentido. Precisava de um sentido para não navegar as águas da loucura.

Não queria um Dom Quixote. Assim, escolhera inimigos reais.

Percorria os campos e florestas de sua terra fria e solitária tentando proteger aldeões dos seus opressores. Desta forma, tentava proteger a si mesmo dos seus fantasmas.

Muitos erros foram cometidos. Exageros e irreprimendas. Defendia e atacava. Destruía pra construir.

Nas batalhas derradeiras, ajudou amigos bondosos. Esqueceu-se, mas estes nunca o esqueceram.

Separaram-se pela noite negra do esquecimento.

O guerreiro, nos delitos e delírios da sua grande noite, viu que suas batalhas ainda estavam por terminar.

Torto o tronco, tortos os galhos.

Acordou. Os campos eram outros. Em seu novo castelo, uma princesa há muito esquecida ensinava-lhe as virtudes do amor e da paciência.

Na sua nova corte agora era rei.

O rei pode fugir, mas a batalha o alcança.

Mal sabia o que lhe reservara o destino.

Sua primeira campanha, seus últimos inimigos. Alguns cansados, alguns clementes, a maioria implacáveis. Estendeu-lhes a mão. Eles a segurariam. Seguraram. Mas não seguraram o impulso da vingança.

Vingaram-se. Não era um prato frio.

O guerreiro estava por fracassar.

Nova noite. Delírio e escuridão.

E então amanheceu o sol.

Solar, seu amigo esquecido, colocou-lhe de pé e preparou-lhe as armas. Era seu escudeiro, antigo amigo esquecido. Fiel. Não sabia de onde o conhecia nem por onde andava, mas lhe foi grato.

Gratidão mútua.

Guerras vencidas, paz merecida, amigo novamente esquecido.

Esquecido no tempo. Não na memória.

Esquecido no tempo. Não no coração.

Este sol nunca se apagaria. Nunca se apagará.

Amigo solar, onde quer que esteja, desejo profundamente que estejas bem.

Obrigado.

Lunar

A um antigo colega enlouquecido.

Não era um amigo. Não era um colega. Apenas um transeunte comum no corredor de alto pé direito da tradicional escola católica em que estudávamos.

Seu nome era luminoso. Sua voz e riso reconhecidos à distância por todos que ali estudavam e trabalhavam.

Personalidade firme, extroversão garantida, ação contumaz.

Popular.

Do meu mundo introvertido, olhava este astro com minha luneta chamada lunar. Eu lunar, ele solar.

Duas décadas se passaram. Encontro seu nome perdido numa lista de pacientes de uma enfermaria. Eu trabalhava nesta enfermaria. Era um hospital psiquiátrico.

Mais envelhecido, menos luminoso, menos verberante. Doente realmente. Lembrei dele, de como era, como se fazia, como o viam, de *como eu o via*. Lembrei das palavras que escrevi.

Havia se passado vinte anos.

Após período de hesitação, identifiquei-me como seu antigo colega. Ele não se lembrava de mim. Lembrava-se de como eu o lembrava há vinte anos, mas não se importava mais.

A depressão, a loucura, aquela enfermaria, os medicamentos e a solidão o consumiam.

A luz solar que a todos ilumina, iluminava e iluminaria virou lua. Lunar. Luz lunar. Brilho opaco em vasta escuridão.

Ainda assim, brilho.

Diante de mim, em pobre consultório, ouvia sua incoerente história.

Lembrei que me via em sua sombra, que eu fazia sombra de sua luz. Ele nunca soube disso.

Hoje eu era a lua que sua lua precisava. Mas não enxergava esse homem. Minha luneta não via sua lua lunar.

Um diálogo mudo de desconhecidos se re-conhecendo. Uma tentativa débil de se romper a indestrutível grade das máscaras e aparências — infelizmente tão necessárias.

O consultório ficou pequeno, e o relógio também. Vinte anos em vinte minutos. Desejei-lhe boa sorte e prometi recomendações ao médico que lhe assistia.

E o lampejo da competitividade velada e anônima de outrora se transformou na eterna certeza de que toda lua é um sol.

Sol lunar.

Salvador, 10 de março de 2015.

Lumiar

Dedicado aos que lutam para
serem melhores.

Vivemos em um mundo sem luz.

Mundo de sombras e escuridão.

Neste mundo, as únicas luzes são produzidas pelos que nele habitam.

Somos lanternas.

Não simples lanternas, mas verdadeiros complexos projetos luminosos. Como nos shows de rock ou nas festas de largo.

Como tal, temos lâmpadas mais e menos potentes, que se prestam mais ou menos a estas ou aquelas finalidades.

As possibilidades são infinitas.

Nunca se repetem.

As pessoas nunca se repetem. Nem os momentos.

***

Existir luzes em um mundo escuro patenteia um cabedal de possibilidades.

Há os locais bem iluminados. A luz chega bem em todos (ou quase todos) os ambientes. Os caminhos são conhecidos. Os locais são seguros. Ciência e consciência governam. Invasões são bem enfrentadas e os recantos sombrios logo são conhecidos.

Há os locais negros, onde pouca ou nenhuma luz os alcança. Locais imperscrutáveis, oceanos profundos, desertos pouco percorridos, onde não há ordem, segurança ou noção dos caminhos. Os oceanos do inconsciente. São os vales da escuridão.

Finalmente, temos as sombras. Mais ou menos iluminadas, mais ou menos conhecidas, mais ou menos percorridas. Humana, ordem e caos, fé e medo. Dicotomia. Proporção e desproporção. Aí moram os segredos e tesouros mais acessíveis e poderosos. Podem ser muito perigosos. Depende de nós.

Andar pelas sombras gera desconforto e insegurança, e muitas vezes, por apreço às luzes, deixamos de procurar tesouros. Nos tornamos caçadores aposentados, enferrujados e adoecidos.

Será mesmo que degradamos assim?

Não! Impossível. *Somos lanternas*.

Vivemos numa época de recessão, descaminho e desespero. As sombras chegam com maus ventos, e não com boas notícias.

Sem zona de conforto, devemos descer aos porões, com lanternas em punho, para ir aonde nunca estivemos.

Daí vale sair do senso comum, ampliar os sensos restritos, promover o bom senso. Pensar e refletir. Terra firme protege. Mas aprisiona. Assim os fazem as prisões.

Um dia não teremos sombras nem escuridão. Até lá só temos a nós mesmo, a as lanternas. E apenas uma lei, que nos condena ao completo esclarecimento: Lanternas são feitas para iluminar.

Iluminar sempre.

Salvador, 23 de março de 2015.

Redoma

Vivemos em uma redoma.

Há.

Uma grande conexão entre múltiplos universos. Conexões infinitas.

Estabelecemo-las. Universos são infinitos. Dentro e fora.

Cada nada é um universo. Cada nada é um tudo.

Você parou pra pensar nas diferenças entre o desregrado e o descertinho? Nada mais que uma luta de universos.

Cada sopro, cada batimento, cada pensamento, cada sentimento, cada gesto, cada associação, mínima ou máxima, simples ou complexa, dentro ou fora de nós.

Cada coisa é uma coisa. É um sistema. Um universo.

Sempre singular. Cada um deles. Único, irrepetível, inalienável e intransferível de si mesmo. "O universo numa casca de noz", já dizia o físico.

Contudo, *nós não somos* estes universos. Não.

Nós os acessamos, os vivemos, os conectamos. Os recomeçamos, e o transformamos em um livro sem páginas definidas que acabamos por alocar em algum local profundo da nossa oblitera inconsciente.

Nós somos apenas *mais um*. *Nós em noz*. Unidade que, como todos as outras, pode conectar a todos os outros paralelos.

P*ode*. Potência. Possível. Poder. Possibilidade.

Nossa diferença para o universo do qual bebemos é que podemos nos integrar aos outros e crescer cada vez mais, tornando-se um mundo cada vez mais individualizado.

Em teoria, no infinito, teremos conectado satisfatoriamente todos os universos, em um processo que é úni-co para cada un.

Até lá, *estaremos em uma redoma*. A redoma é o nosso limite. Não imposto por ninguém além de nós mesmos.

A regra que dita que ela é imposta a nós não pertence. Simplesmente nos *é dada*! É o nosso estado imperfeito, a nossa lua indiscreta, o oceano sobre nosso mundo. Saber disso não basta. É preciso viver a redoma até seu último instante. Conectar todos os retalhos.

Ela é o limite. Ela cresce em tamanho e diminui em sentido. Grande e besta.

O saber é teoria.

O viver é a prática.

Eles se saúdam, eles se saúdam, e se vão. E se vão.

***

Comecemos a história desde muito cedo. O rapaz se sentia livre desde o primeiro dia em que tomou consciência de si.

E assim fotografou o quintal da sua casa, ainda no colo da sua mãe.

Veio livre, mas já estava preso na roupa de carne e chumbo onde o universo dos universos o colocou.

O chamemos de menino livre, ou ML.

As cores eram belas. Os olhos, a melhor câmera.

Azul, verde, amarelo, eram suas cores preferidas. Jamais desistiria delas.

ML começou a compreender o mundo como uma imensa aquarela, uma dança de pinturas dentro de cada dia, de cada céu, de cada rosto, de cada *flash*.

Seu fascínio dançava com as cores. As cores tinham vários atributos, bem como as pinturas. Cenas épicas, heróis, heroínas. Parentes e vizinhos. Céu e luz, noite e trevas.

ML fascinava-se com a *porta secreta* entre os mundos. As coisas em si o agradavam, mas os *traços que dividiam* estas coisas eram absolutamente mais fantásticos para ML. Constatar o *existir das linhas divisórias* era o supremo gozo de ML.

E assim seu gosto pela divisão, pela ordem e pela harmonia brotou lento, como o desabrochar de uma margarida (sua flor preferida) em mínima câmara lenta.

Já com cinco anos, ML aliava seu gosto pela ordem e pela característica extrínseca e qualitativa da diferença das coisas com a projeção deste contexto nas cores. Não desenhava bem, mas adorava deslizar os lápis de cor pelo papel e perceber o amarelo destoando do branco da folha. Amava as linhas divisórias, os entrepostos. Mas amava também cada cor em seu lugar. Ver uma flor em um pote ou desenhar um ovo com gema amarela na clara branca era um regozijo. Riscava praças e cidades cinzentas, tracejadas e divididas.

Assim, ML ia criando um grande senso de harmonia, que o acompanharia por toda vida. O todo, belo e imponente. As partes, belas em sua singularidade. Desta forma, ML guardava em memória faces que nunca mais veria. O sorriso de um transeunte na rua. O detalhe do traje do cavaleiro

em uma curva. Frases soltas ditas com a mais frívola despretensão. Sons e músicas que o tocavam por serem o que eram, e não por dizerem o que diziam. E diziam de qualquer forma. O apreço era para o renegado: A forma (ao invés do conteúdo). O segundo lugar (ao invés do primeiro).

O bom do bom era tão bom quando *o bom do muito bom*. Todos tinham bom, não era justo que o muito bom vencesse o bom por ser muito bom. Assim, pela injustiça justa, o bom vencia o muito bom.

ML era *estruturado* assim.

Havia muita doçura, alegria e felicidade. Uma força implacável na construção deste universo interior.

Hiperatividade e inconstância, portanto, eram naturais tendências de seu comportamento nesta fase escolar. Sentia-se dono do mundo, porque a vivência era interna, e o interno lhe pertencia.

O dono do mundo era dono das cidades, das vilas, das casas e das famílias que nelas moravam. Era belos, tinham vida. Eram sua criação, mas não eram só seus.

Amparado pelos terrenos criadores, mazelas no multiverso exterior não o atingiam. Assim, sua fortaleza interna foi criada com bases tão profundas que nada jamais as destruiriam.

E então vieram as provações.

A redoma *cobra* o preço da sua existência.

ML queria dividir e ligar todos os mundos. Os de dentro e os de fora. Eram as leis da redoma, leis para todos.

Só conseguia, malmente, ligar os primeiros. Não haveria forma de conectar o mundo de fora com as ferramentas aprendidas e mantidas com as cores, os cheiros, as divisões

e tudo que lhe era branco, verde, azul, amarelo (muito amarelo), e belo.

Era preciso aprender tudo do zero. Mas ML não conhecia o zero. O cinza, o preto, o roxo. Era preciso lutar, ser o herói de si mesmo.

Muito bem armado, partiu para a luta, na carruagem conduzida pelos seus pais. Ao deixar seu castelo, guardado por estes fiéis escudeiros, mal sabia o que lhe aguardava o destino. Seus calendários rezavam uma novena. Os inimigos foram implacáveis. ML não o tinha claro, mas sabia que este caminho era sem volta. Saia todos os dias, enfrentava árduas batalhas e voltava para seu castelo.

Alguns amigos bondosos o ajudaram, sem nada pedirem em troca.

ML lhes seria eternamente grato. Décadas depois, ainda povoariam seus sonhos.

Estas lutas tornaram ML um homem de muitos conflitos. Guerras inacabadas, trincheiras diversas. Muitas esquecidas, muitas relembradas, todas importantes.

As lutas trouxeram força, a força manteve a ordem, e a ordem busca a paz. Aprendeu a admirar o cinza, o preto e o roxo. Percebeu que no preto as formas não faziam diferença. Teria que esclarecê-las, se quisesse.

Aprendeu que lutar não significa guerrear. Aprendeu que seu castelo estaria sempre, literalmente, de portas abertas. Era-lhe possível distanciar-se dele. Aprendeu que muitas batalhas não mereciam ser seguidas. Seus soldados... estes poderiam voltar pra casa e cultivar flores ou cozinhar ovos.

Aprendeu que é impossível estar só, e que isso por si só já é um imenso consolo. Aprendeu que aprender é a lição

mais importante, e que a redoma não quer *redomar* para sempre.

Aprendeu que os clichês são as mais importantes lições se colocados na perspectiva da redoma universal individual de si indivíduo. E finalmente acreditou ter aprendido algo sobre o *mundo de fora*.

A redoma, rainha dos limites humanos, tinha a coroa que determina que o portal invisível a ser deslumbrado venha a ser visível e vir a melhorar o mundo.

Inteligência e trabalho. Difícil, mas é o que a maioria dos vitoriosos consegue.

Sorte, ambição, senso de oportunidade são igualmente importantes e até mais simples de se conseguir. A maioria dos muito vitoriosos consegue.

É ai que facilidade difere de simplicidade. ML aprendeu um pouco disso.

Enfim, aprendeu muitas coisas. E esqueceu outras. Do que esqueceu, escreveu livros, e os guardou na mais funda biblioteca do seu castelo.

Os livros viraram tesouros.

Tesouros. Sempre eles a nos tentar!

Passaram-se anos. Décadas. Algumas décadas.

Eu vejo o firmamento. Lógico, espesso, espaçado, infinito. Olho-o, em íntima inquisição:

— Redoma... o que queres?

O Holoscópio

Sintonia e verdade.

Vibrações e transcendência.

Por que o ócio? Para que o contemplar?

Assim questionava Zarosto.

Seu nome era uma corruptela do nome de um poeta persa que vivera milênios antes. Americano, filho de pais indianos, nasceu em uma família de classe média baixa em uma grande cidade do oeste.

A cena inicial desta história começa com nosso personagem já idoso. Do alto da sacada da sua casa, imponente, por sobre a aresta de um grande vale, contemplava seu pequeno filho a balançar sob uma arvore. Antigamente chamavam aquele esquisito brinquedo de "balanço de corda".

Poucos conheciam este rudimentar brinquedo.

Era chegado o ano de 2314 D.C. O mundo não era o mesmo onde vive este que vos escreve.

O mundo do século XXI, descrito nos livros de história como "mundo pós-moderno", era dominado por algo infinitamente desconhecido de todos que viviam no século XXIV, o século de Zarosto: O apego ao método.

Estes *metodólogos* (era assim, pejorativamente que Zarosto os chamava) criavam histórias, depois teorias, depois questionamentos, hipóteses, e finalmente *métodos* para conhecê-las.

Zarosto não queria seguir esse caminho, essa mesmice, esse beco sem saída gnosiológico.

Enquanto o garoto balançava, Zarosto estava lembrando suas motivações do passado. Meditava, contemplando o horizonte.

A sacada sobre o mar pacífico de sua agradável mansão californiana fornecia formidável vista do tapete azul. Em sua lineação, Zarosto lembrava de quando, em sua juventude de quinze séculos atrás, havia criado o *Holoscópio*.

Consistia o Holoscópio no aparelho que projetava a e à mente humana tudo que era cognoscível (conhecido ou não) sobre qualquer coisa.

Isso mesmo. Um aparelho universal.

Incansável estudante das ciências naturais desde a idade pré-escolar, Zarosto era guiado por uma curiosidade mecânica, sistemática e implacável acerca de *tudo*. Muito cedo, ainda pequena criança, percebeu que o que quer que existisse diante dos seus olhos, tinha que ter sido qualquer coisa antes de ser o que era. E da mesma forma que para se achar um caminho na floresta era necessário seguir os passos dados antes, encontrar a origem de qualquer coisa exigia o mesmo processo.

E assim Zarosto perguntava a todos acerca de todos os assuntos que lhe ocorriam. Visto incialmente como uma criança curiosa e inteligente, aos poucos sua obsessão pelo "detrás" enfastiava e aborrecia seus convivas.

O garoto, por sua vez, permanecia totalmente indiferente à esta hostilidade. Para quê preocupa-se com a simpatia ou antipatia alheia se o mundo estava infinito de objetos a serem decifrados? Decifrar tornou-se seu mote.

E assim o garoto aprendia na então internet absolutamente sobre todas as coisas. Seu cérebro esponjoso e hiperconectômico arranjava as redes neurais com conhecimentos que jamais se dispersavam e se dispersariam.

Servidores de dimensão astronômica lhe forneciam todo o saber constituído e cognoscível objetivamente que era então disponível. E assim Zarosto fez dezenove anos.

Seus pais, incapazes de se comunicar com o mundo oculto do filho, permaneciam em relação apenas na mais rasa superfície. Ofereciam-lhe comida, um quarto e só. Não tinha amigos, vida social, rotina de criança conforme o senso comum lhes concebia. Zarosto era, definitivamente, o que chamavam de "fora da curva".

Zarosto percebeu que as ciências naturais falhavam, em sua última fronteira, não em explicar ou falhar em explicar os objetos. Falhavam em não conseguirem trazer a fórmula da "assinatura" que os conectava. Sabia que haveria de haver uma regra única que determinasse e legasse tudo que existia. Sabia que haveria de haver *uma marca comum*.

Havia um problema: O constatar natural do existir uma determinada assinatura em cada objeto não traria a conexão do que os determinava. Saber que todas as células tinham um núcleo não trazia a matriz que coordenava todos esses elementos. E assim havia plantas, animais e pessoas diferentes com comportamentos diferentes. *Havia diferenças*.

Não.

Zarosto queria mais

Queria conhecer o incognoscível. Queria objetivar o inobjetável. Queria *ver* a *não-diferença-na-diferença*. Da mesma forma que havia pensado de haver uma explicação pra existência do livro ou para a melhora da sua miopia com os óculos, pensava que haveria de haver uma *coordenação* entre tudo que havia, tudo *que há,* exatamente como quem conhece *como* a miopia melhora com os óculos de grau.

Pesquisava, meditava, mas não achava resposta.

Religiões com suas teorias da divindade. Filosofias com seu eterno questionar a realidade. A arte recriando tudo que via. A ciência pastando lentamente como vacas no campo. Por estas vias, nada poderia lhe pertencer.

Portanto Zarosto passou a desenvolver um grande desprezo pelo conhecimento que havia investido quase duas décadas em absorver. Não serviriam a seu propósito.

No início da quarta década de vida, já no meio acadêmico de uma famosa universidade da Califórnia, o brilhantismo de Zarosto chamou atenção de um grupo de pesquisa interdisciplinar em "realidade" de uma grande universidade indiana. Estudantes de todas as áreas se constelavam em busca de tentar saber sempre quais saberes "dirigiam" os pilares pelos quais passeavam.

Zarosto foi, e decepcionou-se. As pessoas cometiam o mesmo erro: Sujeito prendendo, aprendendo e apreendendo objeto. Luva caindo na mão. Óculos caindo na cara. A modernidade se repetindo, como fazia há séculos.

Tudo igual.

Não

Não.

Teria de trabalhar sozinho.

Descoberto por um bilionário excêntrico chinês que resolveu apostar, como num espetáculo circense particular, parte da sua fortuna para o ingresso num show individual de excentricidades, forneceu ao jovem extraordinário e genial uma grande verba, largas propriedades e muitos funcionários para fazer o que bem entendesse. Queria ver onde o homem mais esquisito que conhecera chegaria. Zarosto largou a academia e mudou-se para a China.

Assim, em seu "parque de diversões" pessoal, *tudo* começou.

Baseado na conectômica, na biocibernética e em sua vasta tecnologia, Zarosto percebeu que as pessoas eram diferentes. Não pela constatação ontológica que os filósofos que o perturbavam tanto traziam: Quem lhe diziam eram as máquinas. Tinham medidas, cheiros, sabor, voltagens, tamanho, tônus, tudo o mais... diferentes.

Os aglomerados eletromagnéticos derivados de tudo que definia cada ser vivo produziam uma combinação absolutamente indecifrável de códigos, com uma probabilidade infinita de não se reproduzirem ao acaso. Seus recém-criados sistemas operacionais captaram esta realidade.

Percebeu, contudo, que usando a teoria do magnetismo estaria cometendo o mesmo erro que tanto criticava. Passou então a planejar uma forma de captar a essência de cada um que fosse além de captar o todo das características cognoscíveis de cada um.

Utilizando-se da ajuda dos engenheiros da equipe que montou sem admitir questionamentos às suas ordens, criou um algoritmo que reproduzia infinitamente a potencialidade de um computador quântico operando em infinitas janelas a cada qualquer unidade de tempo. O sistema criado parecia abrir infinitas janelas — ao infinito. Assim como pareciam ser infinitos qualquer distância entre qualquer número, eles próprios randomizados e rolados ao infinito. Conseguiu assim vencer o obstáculo do tempo-espaço.

Cadastrando em cada aparelho todas as possibilidades de conhecimento sobre o ser humano de que se tinha notícia, com todas as formas de cálculo e possiblidade de processamento, Zarosto criou um sistema que reproduzia

esta mesma fórmula infinitamente a cada unidade de tempo (fosse qual fosse), decifrando assim a *essência* de cada pessoa.

Se corpo e mente eram escrutinados infinitamente a cada qualquer distância de tempo, tudo que se poderia querer, desejar, ansiar, fazer, ter sido e se tornar eram assim *captados* e conhecidos em qualquer fração de vezes, resultado este conferido também infinitas vezes em qualquer tempo. Um sistema à prova de erros.

Zarosto novamente percebeu que cometeria o mesmo erro ao tentar *descrever* os achados dos seus aparelhos. Para que a informação de cada humano fosse utilizada para qualquer fim, teria ela que *necessariamente permanecer desconhecida*, encerrada e enterrada dentro da sua formidável criação, até então de classificação epistemológica impossível.

Chamava a original máquina, para fins de comunicação verbal com outros de sua espécie, de *Holoscópio*.

O Holoscópio foi copiado e replicado em enorme quantidade. Seu bilionário financiador gozava em êxtase com o que julgava ser a maior excentricidade da história.

Zarosto sabia ter um mapa de toda micropartícula do mundo, orgânica ou não, e de qualquer combinação entre elas. Conectou seu cérebro e seu corpo ao maior sistema de comunicação do mundo e comunicou a todos que tinha o controle de tudo. A *zarostomia* agora tudo sabia e a todos controlava. Governos, universidades, meios de comunicação, organizações militares, grupos supranacionais, indivíduos... nada estava fora da sua influência e vigilância.

Todos deveriam render-se. Eram absolutamente dependentes de uma ideia, pois tudo se resumia a um código perfeitamente calculável.

A *calculabilidade*, o estado de *ser calculável*, era a *assinatura* que Zarosto tanto procurou e acabou por encontrar. Não procurou um conhecimento, procurou um status. Não poderia ter o *possível*, mas conseguiu ter o *existível.*

Sua grande ambição, portanto, havia sido cumprida.

Contudo, anda tinha um corpo. Tinha um cérebro. Tinha uma vida. Muitas décadas se passaram.

Neste tempo, já envelhecido, criara em laboratório, por pura acasualidade volitiva, uma criança para conviver, a quem chamava por pura passividade léxico-verbal de "filho". O mesmo que, ao lado das suas memórias sobre o oceano, balançava alegremente sob uma árvore.

Na infinidade do seu conhecimento, chegara a um improvável limite: O que conhecer além do infinito quando se conhece o infinito sem torná-lo finito? Percebera, portanto, que não haveria mais proposito para a sua vida.

Olhou o lar ao seu redor. Seu garoto, simples, balançando ao vento, o chamava neste momento para brincar no balanço da sua velha casa.

Já com centenas de anos de idade (sim, a vida humana durava séculos por volta do século XXIV), Zarosto percebeu que a existência do garoto nada tinha a ver com a assinatura da relação entre todas as coisas existentes. Não conseguiu relacioná-lo ao poder do Holoscópio. O garoto queria *apenas brincar*.

Queria brincar. *Querer*.

Vontade. Movimento. Sentido.

Razão.

Existência.

Uma coisa puxando outra. Uma coisa que o holoscópio não viu.

Todo o rodeio dado por séculos de vida se mostrou refém de algo que simplesmente não cabia na sua máquina. Não cabia na natureza. Não cabia em nada. Não tinha nem como ter nome.

Neste momento, o que vos escreve explica:

Uns chamavam de sentido do devir.

Uns chamavam de razão para a existência.

Uns chamavam de subconsciente. Uns chamavam de deus. Outros de nirvana.

Cabia em qualquer coisa. Nomes não faltavam.

Infinitos tudo chamavam de *infinitas coisas.*

E era tudo a mesma coisa.

Este lampejo de informação infinita que um corpo finito (apesar de extraordinário) em sua mente finita (apesar de extraordinária) não pôde suportar gerou um grande cisma interno, cisma este também sem nome. Ainda sem nome.

Um grande feixe de luz lhe invadiu, e Zarosto percebeu, sem ter absolutamente nenhuma palavra, fórmula, gráfico ou máquina para descrever, a verdadeira assinatura de tudo que havia.

Neste exato momento o garoto descia do balanço para ter com o pai. O garoto criado por uma máquina. Uma inventada foto humana dentre infinitas fotos possíveis e impossíveis, composta por infinitas fotos possíveis e impossíveis.

Aproximou-se do velho pensador. Mirou seu rosto enrugado, desgastado, seus olhos (in)calculistas e incalculáveis e colou, em arroubo infantil, seu rosto com o do pai. Quem era este homem?

Olhou. E na limitação da sua mente infantil, conseguiu notar algo que conhecia bem, mas nunca vira antes no homem que o criava.

— Papai... você está... sorrindo?

Zarosto olhou o filho, sem ter absolutamente nenhuma noção do que ele queria dizer ou o que "sorrindo" significava. Em toda sua vida não aprendera verbalizar mais que umas boas centenas de palavras. E só.

Meditava: *Sempre haveria o que descobrir e pensar. Sempre mais uma montanha a escalar. Sempre.*

E sim, se por trás da sua infinita busca e infinito achar de infinitas proporções e de infinitas frequências e infinitas causas e consequências *havia* uma nova assinatura, por que então não haveria de haver infinitas assinaturas, requisitando assim infinitas máquinas dentre as quais a sua criação, a sua identidade, *o seu holoscópio*, era apenas uma?

O meu infinito é finito. Há outros infinitos, infinitos que não são meus. Prisão ou liberdade?

Liberdade insuportável. Feliz, gargalhante, ensandecido, não suportou a epifania.

E saltando do barranco, sorriso no rosto, perdeu-se no mar.

CONTOS DE FADAS

O velho e a arca

Era uma vez um rapaz.

Rapaz moço, sagaz, inteligente e trabalhador. Trazia no espírito a placidez da sua mãe e a persistência do seu pai, dono de uma pequena propriedade rural.

Muito pobre, desde cedo trabalhava duro ajudando o seu pai no sustento da casa. Saia cedo para os campos e retornava no cair da noite, quando então se dedicava aos estudos sob a luz das velas e do amor da sua mãe.

No escasso tempo livre, corria pelos pastos e brincava com a filha do fazendeiro, dono das terras arrendadas pelo seu pai. Garota de bom coração, leve e sardenta, cresceu indiferente à diferença de classe que os separava.

Seu pai sempre afirmava: "Óleo e água não se misturam". Não queria que o filho sofresse decepção futura de viver um amor provavelmente rejeitado pela sociedade, dada a grande diferença de classes.

Nada disso, contudo, impediu que o tempo, senhor do mundo, cumprisse seu papel.

Os anos se passaram. O rapaz desenvolveu um forte senso de sobrevivência. Administrava as economias da casa com esmero, garantindo que os custos fossem mínimos e que nada faltasse a seus pais, já idosos.

Nesse ínterim, filha do fazendeiro tornou-se uma bela mulher.

Após a morte dos seus pais, o rapaz, com medo da solidão e premido pelo grande amor que sentia, casou-se com

a moça em segredo, despertando a ira do pai. Colérico, o senhor das terras a expulsou de casa.

Tiveram um casal de filhos que, eram os anjos bons da sua vida e da sua natureza. Um alento para o jovem e já sofrido casal.

A personalidade do rapaz, centralizadora e (cada vez mais) controladora (cujo mérito garantiu sua sobrevivência digna na pobreza) tornou-se ainda mais canhestra. Queria garantir que nada faltasse à sua esposa (que por ele trocara a rica família de origem), e queria principalmente que seus filhos não passassem pelas mesmas privações que passou.

Trabalhava então a maior parte do dia e da noite. Mudou-se para uma fazenda maior. Prosperava dia após dia. Sua propriedade foi anexando os sítios ao redor, e o faturamento crescia exponencialmente.

Por zelo e desconfiança, não depositava nem um tostão do que ganhava nos bancos. Guardava tudo em uma grande e velha arca, pertencida a seus pais, cuja única chave vivia dia e noite em sua posse, amarrada pelo pescoço em um cordão.

No delírio de enriquecer e garantir a segurança dos filhos, tornou-se frio e distante. Amava-os mais que tudo, mas não podia se dar ao luxo de perder tempo. Amar era prover e proteger. Isso exigia trabalho. Nada poderia desviar a sua prioridade.

Não viu o crescimento dos filhos, os seus primeiros amigos, os primeiros amores, os progressos escolares, a transição para a vida adulta, sequer chegando a ir às festas de casamento. Sua esposa, desolada e solitária após o casamento dos filhos, em rompante de dor e solidão, o abandonou. Vizinhos diziam que enlouquecera e perdera-se no mundo.

O rapaz fez de tudo para encontrá-la, contratando os melhores detetives e empenhando o máximo possível de recursos. Em vão. Seus filhos não queriam recebê-lo, culpando-o pelo sumiço da mãe.

O rapaz, agora um homem maduro, não compreendia. Não fizera tudo pelos filhos? Pelo amor? Pela segurança? Pelo aconchego? Por que teria sido abandonado? Para evitar a doença da tristeza, entregou-se ainda mais ao trabalho, tornando-se o homem mais rico da região. A chave do tesouro permanecia no colar diuturnamente.

Da mulher e filhos, já há muito não tinha notícias.

Em sua grande arca, já quase não cabia mais ouro. A velha chave, único meio de acesso a toda sua riqueza, continuava envolta ao seu pescoço. Passou a simbolizar toda a sua luta e (agora) sua dor.

Passaram-se muitos e muitos anos. O rapaz, já idoso, não tinha mais a mesma força de antes. Adoecido, via sua prosperidade caducar e estagnar-se progressivamente. A doença foi o freio que precisava para, na dor da saudade e solidão, repensar os valores que escolhera para guiar a sua vida. Decidiu vender os seus bens, dispensar os empregados, desfazer-se das propriedades e voltar a morar na casa onde crescera. Sentia, por alguma via, como que num comichão interno, que lá reencontraria algo há muito perdido.

Colocou o fruto financeiro das últimas vendas na velha arca, trancou-a com sua única chave e, sozinho em sua carroça, ganhou a estrada.

A casa dos seus pais, envelhecida pelo tempo e pela falta de cuidados, despertou-lhe a ternura enrijecida pelas décadas de labor, temor e receio. Afinal, não havia garantido o

sustento de todos? O que ganhara com isso? Apenas uma grande e velha arca, cheia de ouro e tesouros, no porão de uma velha casa.

Nesta tarde cinzenta e sombria, a contemplação da arca transmutou-se na contemplação lenta, abissal e sólida da perda da camuflagem que era o fracasso da sua vida. O lampejo o consumiu instantaneamente, como uma folha seca em chamas.

Não resistiu.

No auge da dor, avaliou tirar a própria vida. Correu para o rio, de águas caudalosas, corrente no fundo do bosque que circundava a pequena, antiga e empobrecida propriedade. Pretendia matar-se.

Ao atirar-se da ponte, ouviu um grito ao longe. Perplexo, mal pode acreditar em seus próprios olhos.

Em sua direção, corria sua velha esposa e companheira. A sardenta menina, que há muito havia se perdido pelo mundo, doutrinada pela saudade e pelo tempo (que a tudo cura), afastou o rancor e retornou para buscá-lo.

Bem a tempo

Pulou no rio e salvou sua vida, arrastando-o para a margem. O espanto pela sincronia de ter chegado após tanto tempo exatamente na hora fatal só não foi maior que seu jubilo ao revê-lo. O amor há tanto tempo represado, saudoso, tolhido e magoado agora encontrava-se numa fértil floresta chuvosa, totalmente propensa ao florescer.

Quanto ao rapaz, sua existência, agora, estava salva e livre.

Emocionado com o reencontro com a velha companheira, o rapaz prometeu a si mesmo nunca mais abandoná-la.

Sentia-se pleno de amor e grato à vida como nunca estivera. Chegou na velha casa e chorou de emoção ao reencontrar os filhos (com seus respectivos parceiros) e netos, trazidos por sua esposa poucas horas antes, sem que ele soubesse.

Mas algo se fora na correnteza do rio. Um ato deste matiz não passa incólume, invisível.

Após alguns dias, ao banhar-se, percebeu que o colar com a chave não mais estava em seu pescoço. Provavelmente fora levado pela correnteza do rio no momento do salto, ou até perdera-o em outra ocasião.

Não importava. Em seu porão, uma arca com incalculáveis riquezas jamais poderia ser aberta!

Neste momento, o rapaz percebeu que fizera o melhor negócio da sua vida, sem gastar um centavo sequer da sua arca. Todos estavam em casa, repletos e amor e carinho, sem que nada lhes faltasse. E viveram felizes para sempre.

O músico

Em homenagem aos amantes
incompreendidos da música

Era uma vez um belo país.

No centro desta terra, formada por belas montanhas, rios, florestas e planícies, figurava o reino de Cristalis.

Cristalis era um reino sem muros, sem guerras e sem tristezas.

O rei Cristal, justo e bondoso para com o povo, gozava de simpatia entre os cortesãos, estima ante a população e até do respeito dos inimigos.

No seu reino não havia intrigas políticas nem atritos sociais. O povo era alegre, feliz e não passava por nenhum tipo de privação.

Encantados pelo excesso de equilíbrio, dedicavam-se os cidadãos à filosofia, ao estudo das ciências, aos esportes, e às frivolidades no tempo livre.

Não havia desarmonia.

O rei, viúvo desde a juventude, tinha no seu filho o coração da sua felicidade. O rapaz se chamava Rubião.

Rubião era um belo moço. Rijo, altivo e tenaz em suas obrigações. Sua inteligência era elogiada pelos tutores e sua beleza admirada pelas adolescentes plebeias. Rubião não se interessava por elas. Seu senso de justiça não deixava dúvidas sobre o caminho pelo qual o reino seguiria após o falecimento do seu pai.

O príncipe admirava as belezas do seu reino e a prosperidade do seu povo. Mas sentia que havia certa frieza nas pessoas. Percebia que, apesar do equilíbrio e da aparente felicidade do povo, havia uma esterilidade em suas almas que não sabia a que atribuir. Sentia com pesar este sofrimento, mas não encontrava palavras para descrevê-lo.

Em palestras com o rei seu pai, este ria-se orgulhoso de suas inteligentes ponderações, e o aconselhava a divertir-se com as inúmeras possibilidades de liberdade que o reino oferecia a um garoto da sua idade.

Rubião costumava a escapar da vida na corte para acompanhar as caçadas do chefe da cozinha. O bom homem temia pela responsabilidade, mas a simpatia e espontaneidade do garoto sempre o conquistava.

Numa das caçadas, Rubião, distraído com pássaros e borboletas, afastara-se da trupe. Entrou por uma trilha que, após serpentear por alguns quilômetros, chegava em uma clareira, terminando mais à frente em um barranco. Na porta de uma simples choupana, uma bela garota cantarolava a mais bela canção que jamais ouvira.

Jamais vira uma mulher que não em um contexto social ou familiar. A inusitabilidade do encontro, associados à aventura que era sair para a floresta contra o conhecimento e vontade do seu pai, dava força a todas as experiências que vivenciava neste momento, gravando-se todos firmes em sua alma.

A garota, de beleza sem igual, continuava a cantarolar sua canção. A vontade de se aproximar só não era maior que o encanto por sua música — intraduzível, indefinível e indecifrável. Juraria que aquele momento maravilhoso tinha

sido criado pela providência para si. Apenas e tão somente para si.

Neste momento, tudo lhe fez sentido. Rubião não conhecia a música. O reino de Cristal não conhecia a música! Era isso que lhe faltava!

E breves lampejos pela sua inteligência justificaram a esterilidade da alma do povo, sua frieza, superficialidade e falta de sentimento. Sabia que tinha algo errado!

Perdido em seus momentâneos devaneios, no instinto de se aproximar da moça, pisou em falso na raiz de um grande carvalho e escorregou pelo barranco. Caiu por entre as arvores e bateu a cabeça em uma pedra, acabando por perder a consciência.

Acordou em sua cama, cercado de médicos e enfermeiros. Seu pai, atordoado de preocupação, deu um grito de felicidade ao vê-lo acordar. Aliviados, os cortesãos não perceberam quando o garoto perguntava debilmente sobre uma cabana e uma bela garota. Falava de uma bela canção e tentava repeti-la.

Em vão. A voz não saia! Embasbacados, os sábios não sabiam o que dizer. A verdade é que o reino de cristal não conhecia a música. Sem se fazer entender, Rubião calara-se e contemporizava. Parecia estar tudo bem.

Desde então, o rei, eventualmente, não deixava de reparar que por vezes Rubião tornava-se frio e distante. Não conversava com as pessoas, não se interessava pelos estudos e pelos assuntos do reino. O chefe da caça, temendo represálias, ocultou do rei ter permitido que o príncipe lhe acompanhasse e disse que o encontrara quase que por acaso desacordado no pé de um barranco.

Como tais momentos eram esparsos e eventuais, o rei despreocupou-se.

Contudo, as crises de melancolia tornavam-se mais e mais frequentes, e de repente nada fazia o rapaz sair do quarto. Sem se alimentar adequadamente, negligente com a higiene, cada vez mais triste e calado, Rubião adoecera, tornara-se depressivo e nada o tirava de seu sofrimento. Em sua intimidade, sonhava constantemente em rever aquela bela garota e ouvir aquela maravilhosa música.

Em seus sonhos, repetira em sua mente a melodia, sentindo em sua alma a vibração de cada nota, suas cadências e encadeamentos. Cada passagem da melodia era um universo musical a ser continuamente desmembrado, e a força desta experiência era absolutamente arrebatadora. Nada o tiraria daquele mundo

Os melhores médicos do reino foram convocados, mas nada puderam fazer. Rubião balbuciava frases sobre uma garota perdida em uma cabana, da qual ninguém tinha ouvido falar. Falava de uma música presa em uma floresta. Os médicos se riam. O povo dizia que o rapaz enlouquecera. Outros, mais sensatos, falavam que o bom príncipe entrara em profunda depressão.

A notícia da tragédia disseminou-se pelo reino.

O tempo passou, sem que a saúde do príncipe melhorasse. Rubião completava quinze anos. O rei, em completo desespero, já na sua velhice, orava aos seus ancestrais para que alguma solução se apresentasse.

Em lampejo de esperança, mandou chamar o chefe da sua guarda e deu-lhe a missão de viajar aos reinos vizinhos em busca de ajuda. O capitão, de nome Francis, homem ain-

da jovem e de bom coração, prometeu dar o seu melhor.

Acompanhado de uns poucos bons homens, o capitão deu início à sua jornada. Passaram-se quase quinze anos sem que desse notícias. O rei enviara emissários à sua procura, que ainda não haviam retornado.

Francis, célere em buscar ajuda nos reinos vizinhos, relatava a sábios e doutos que encontrava sobre os sintomas do príncipe. As reações variavam entre o pessimismo blasé, a empáfia e ao descaso. Tratava-se de um simples caso de loucura, e para esta não havia cura! Tentara viajar para fora do país, e nem nos mais longínquos reinos do mundo conhecido conseguira algo que se lhe afigurasse como uma solução.

Ao retornar à cidade, carregado de más notícias para entregar ao rei, o capitão foi avisado, antes de chegar ao castelo, que um andarilho se instalara nas imediações da cidade. Havia rumores de que era um feiticeiro malévolo e que a população o evitava diuturnamente.

Como o homem era recluso e ensimesmado, os agentes da lei nada puderam fazer contra o forasteiro. Mas o desconforto geral era evidente e, antes que a situação se agravasse em tensão social — e evitando incomodar o estimado e sofrido soberano com tais notícias — seus tenentes, aliviados pelo seu retorno — o clamaram por providências.

O capitão, acompanhado de alguns soldados, fora a seu encontro. O forasteiro apresentara-se como Cinis. Alto, magro, aparentando estar pela quinta década de vida, apresentava cabelos surpreendentemente negros, coloração acompanhada pela sua longa barba. Olhar forte e penetrante, feições indecifráveis. Do seu corpo, despendia-se a visão do

contato com a natureza e o odor característico da vida ao ar livre.

O viajante contou sua história. Tratava-se de um estudioso dos conhecimentos ocultos, sem teto, que fora banido do reino de onde nascera, intolerante com o estudo de certos conhecimentos. Foi acusado de feitiçaria. Dizia que era um local de conflitos e sofrimento, doenças e misérias.

Após alguns anos tentando moradia e asilo em outras cidades, acabara por decidir vagar pela natureza, de onde absorveu seus conhecimentos e aprendeu seus segredos. Aguçara-lhe a inteligência e fortalecera-lhe o corpo, até ouvir falar de um reino onde era marcante a tolerância e a felicidade. Então viera para esta cidade.

Contrariando todos os protocolos, o capitão descreveu a situação do filho do rei. O andarilho, de nome Cinis, se prontificava a examinar o garoto — agora um homem maduro.

Pela primeira vez, a cidade entrava em polvorosa. A reação da população, ao ver o capitão da guarda real acompanhando um andarilho maltrapilho temido por todos, variava entre chacota, assombro, revolta e medo. O próprio capitão, conhecendo o apreço do rei pela ordem social, instintivamente temia por sua ira – por ele nunca vista.

O rei, preocupado com a saúde do filho, dava audiências e despachava de um quarto vizinho. Já idoso, dava sinais de falha em sua lendária vitalidade. Ao avistar o capitão, seu alívio fora imediatamente substituído pelo espanto ao avistar a figura maltrapilha do andarilho Cinis.

Francis jamais estivera em situação tão embaraçosa. Como informar a seu rei bondoso e justo que seu desespero

quinzanual fora em vão? Como dizer que tudo que pudera fazer pelo prezado príncipe fora apostar suas fichas em um maltrapilho desconhecido, de péssimo conceito frente à população?

Francis resolveu ocultar o fracasso da sua missão e apostar suas fichas no destino.

— Majestade, nada pude fazer. Nada encontrei! Este homem, apesar de sua aparência, parece guardar em si velada sabedoria, e prontificou-se a examinar o príncipe.

O velho, então, meditava. Seu melhor homem retornara de mãos vazias e o bizarro indivíduo, de então inusitada presença, figurava-se como última esperança.

Hesitou. Como aproximar o precioso Rubião deste desconhecido de péssima aparência? Lembrou-se de sua falecida esposa, que sempre tratara todos os súditos com igual respeito.

Por fim, decidiu-se. Permitiria o acesso do suposto mago ao leito do filho. Cuidadoso, Cinis pediu reserva, e encerrou-se no quarto do príncipe por cerca de duas horas.

Ao sair, ante a expectativa geral dos cortesãos, pediu para falar com o rei em particular.

— Majestade, seu filho não está louco. O príncipe herdeiro tem a alma na natureza.

— Seja claro! Do que ele padece? Ele sucumbirá?

— Nada posso afirmar. Há mistérios na terra que só são decifrados quando os observamos e acompanhamos seu curso. Rubião está perdido em um labirinto que só existe dentro de si. A chave está no seu coração. Confie em seu amor e aguarde!

Impressionado com a firmeza e delicadeza das palavras vindas de um homem tão rude, rei Cristal nada disse. A sorte do seu reino estava lançada.

Cinis recomendara vigilância especial ao garoto, e disse que dispunha da pessoa certa para acercá-lo. Saiu em viagem sem deixar relato do destino.

***

Após poucos meses, Cinis retornava acompanhado de um homem misterioso. Alto, espadaúdo, cabelos curtos e olhos negros, assustava pelas faces sem vida e pela marcha quadrada. Andava apenas em linha reta e não parecia ter vontade própria. Disse ao rei que este homem deveria ser o serviçal direto do príncipe, e que tivesse confiança de que a cura viria.

Sem maiores explicações, deixou o castelo, saiu pelos portões da cidade e nunca mais foi visto no reino de Cristalis.

Todas as noites, o homem misterioso, tal qual um fantoche, aproximava-se do leito do príncipe, sentava-se no seu leito e velava-lhe o sono. Ao amanhecer o dia, postava-se ao lado das janelas — sempre de cortinas cerradas — sem nada dizer. Nunca nenhum cidadão de Cristal ouvira-lhe emitir uma única palavra.

Tanta amolação e dor minaram a saúde do rei Cristal, que aguardava o desenlace no quarto real.

Em uma noite chuvosa, em seu leito de morte, o rei nomeara Francis como regente e o fizera jurar manter funcionantes as instruções do andarilho. O homem misterioso de marcha quadrada jamais deveria deixar a presença do príncipe.

Na noite em que o rei faleceu, Rubião completava três décadas e três anos de vida — em sua maior parte por sobre a cama. Contudo, havia momentos que o sofrimento insuportável lhe dava forças para sair do universo musical que o aprisionava e olhar para fora, como um ligeiro olhar por sobre grande muralha. Exaurido pela busca incessante da música perdida, o filho único do rei Cristal cogitava dar fim à própria vida. Quando da visita de um dos médicos, num momento de distração deste, apropriou-se de poderoso medicamento que, em doses altas, consistia em veneno mortal.

Sua passagem de anos, neste inteire, não lhe poderia ser mais sofrida. Saber da existência de tamanha beleza e austeridade, moça e música, mulher e melodia, lhe era insuportável. Sem elas, não poderia viver.

Abriu lentamente a garrafa, e logo aos primeiros goles, sentia o queimor do líquido amargo descer-lhe pelas entranhas. Qual seria o sabor da morte? Antes que terminasse o conteúdo, foi tomado de lento e irresistível torpor, adormecendo pesadamente.

Neste exato momento, o regente Francis entrava sozinho para tentar dar ao príncipe a notícia do falecimento do rei. Encontrando o moço adormecido e o esquisito fantoche sentado ao leito, velando-lhe o sono, não deu pela tragédia que se avizinhava e — não percebendo a garrafa entreaberta — deixou silenciosamente o aposento.

Rubião sonhava. Caminhava por entre uma conhecida floresta, montado em seu um altivo cavalo branco, acompanhado por sua matilha de caça, em uma bela manhã dominical. Teve a impressão de que ali já estivera em sua infância.

Na esteira da caça a um veado, desmontou seu alazão e seguiu por estreita trilha, que jurava um dia já ter visto. Em

uma clareira, à beira de um barranco, avistara uma garota que lhe pareceu a mais bela que o mundo poderia conceber. Em diálogo mudo, a moça aproximou-se, parecendo penetrar-lhe o pensamento.

— Há muito que a procuro! Quem é você?

— Me chamo Isaura. Estava aguardando o seu retorno. Há muito por fazer, muito por resolver.

— Estou perdido! Sofro todos os dias, sinto sua falta!

Isaura, intensa de beleza, doçura e amor, respondeu:

— Meu querido Rubião, é chegada a hora. É tempo de voltar ao mundo e retomar a sua responsabilidade. O amor não é uma prisão, é salvação. O amor não é sofrimento, é brandura. O amor não é saudade, é saúde. O amor não é loucura, é lucidez. Não é frieza, é música. Viva!

E continuava:

— Por que se entrega Rubião? Por que não olha para si? Por que não vibra? Por que não ama? A música não lhe pertence. Você quis *tê-la* e nunca conseguiu, por isso sofre. Mas ela está dentro de você! Cante! Cante!

O herdeiro do trono de Cristalis recuou frente à firmeza austera das inusitadas palavras proferidas pela moça. Sem perceber, seu calcanhar tropeçou na raiz de um grande carvalho e, na queda, escorregou pelo barranco que ladeava a casa. Caiu por entre as arvores e bateu a cabeça em uma pedra, acabando por perder a consciência.

O desmaiar no sonho é o despertar para a realidade, pensou Isaura.

Acordou com o sol a pino, penetrando impiedosamente os limites impostos pela sua janela. *Quem abriu as cortinas*? Não se lembrava de ter visto a luz nos últimos anos. *Últimos anos*! Há quanto tempo estava ali?

Avistou a garrafa semiaberta de um medicamento que sabia ser muito perigoso se usado inadvertidamente. Então se lembrou de todo seu sofrimento e não entendia como, justamente após tentar o suicídio, tinha tanta força e energia para levantar-se da cama.

Neste momento, reparou em seu imóvel companheiro dos últimos anos. Entendeu, portanto, porque as janelas estavam abertas. Lembrou vagamente que sonhara com uma moça que lhe dissera belas palavras, mas não se lembrava quais eram.

Sentiu, de súbito, uma enorme vontade de gritar! Abriu a boca, mais o que saiu não foram gritos, e sim as notas iniciais de uma bela, antiga e esquecida melodia.

A força da emoção que se seguiu foi tamanha que o ar lhe faltou, e a voz, vacilante, ameaçou falhar. Foi quando que o homem imóvel, como que por encanto, emitiu uma série de cliques metálicos e repetiu, com bela voz feminina, exatamente a mesma canção que jazia aprisionada nos recônditos da sua infância, loucura e inconsciência.

Rubião, emocionado, ia recuperando as forças. Música! Luz! Vida! A bela canção que lhe preenchia o sentido de viver!

Quando terminou de cantar, o homem misterioso (que, ao que Rubião percebia, era um robô autômato), caiu pesadamente ao chão de mármore e partiu-se em milhares de pedaços metálicos cinzentos.

Cinzas.

Cinis cumpria sua obra e sua profecia.

Após mais de quinze anos de encarceramento, Rubião deixou o quarto e mandou chamar Francis. O velho capitão,

emocionado com a aparente e súbita recuperação do príncipe, abdicou imediatamente da regência em favor do novo rei. Rubião tornara-se o que nascera para ser. Majestoso e livre!

Ao saber que o seu querido rei havia falecido nesta mesma noite, no quarto vizinho, sentiu-se preparado para o sofrimento que viria. Decretou luto de trinta dias para que o reino pudesse descansar.

Após prestar as devidas homenagens ao seu falecido pai, dirigiu-se à floresta à procura da moça dos seus sonhos, do seu sonho. Apesar de nunca vista por ninguém no reino, sempre reclusa nas profundezas da floresta, o então rei Rubião não duvidava da sua existência. Os caminhos até ela, como que por um encanto, eram visíveis só para si. Encontrou-a em sua cabana, como que a esperá-lo pacientemente. Levou-a para a corte.

O maravilhoso reino de cristal, rico em ouro, sabedoria e felicidade, agora era rico em música e sensibilidade. As maravilhosas melodias proferidas pela mais nova cortesã a todos encantava. Após algumas semanas o rei Rubião, agora plenamente lúcido e restaurado, desposou a bela mulher.

Que se chamava Isaura.

E foram felizes para sempre.

Distraída contraída

Em honra e memória de todos
os que se sentem excluídos.

Era uma vez um campo florido.

No meio do campo, havia uma casa onde vivia uma família de camponeses. O fazendeiro, junto com a esposa do seu primeiro casamento, tinha um casal de filhos. Pessoas de parca educação e cultura, viviam da agricultura familiar.

O garoto, mais velho, pragmático, altivo, ajudava o pai na lavoura e a mãe nos serviços da casa. Falastrão, brincalhão, vivaz e alegre, era o orgulho da família.

A garota, nascida três anos mais nova, era o extremo oposto do irmão. Introvertida, ensimesmada, de poucas palavras e poucos sorrisos. Parecia viver em outro mundo e não compreendia a passagem do tempo.

Sempre distraída, vivia recebendo reprimendas dos pais por parecer não compreender o que diziam. Sua mãe, calejada pela experiência recebida de suas avós — mestras em maternidade — percebeu o quanto se atrasou para falar, para andar, para interagir, para aprender a contar e o nome das cores.

Recebeu o apelido de "distraída".

Distraída era preterida.

Distraída era contraída.

Distraída era reprovada.

Não era fácil ler distraída. Tampouco inferir o que sen-

tia ou pensava. Chegada idade escolar, distraída praticamente confinava-se ao quarto. Aos dez anos, não se comunicava com ninguém. Quando queria comer ou beber algo, simplesmente ia à copa e se servia — sem nenhum tipo de seletividade.

Homens de branco que a examinavam eventualmente diziam que estava doente. Tratava-se de uma doença incurável, de forma que a sua mente e alma eram um oásis onde ninguém conseguiria penetrar. Assim os pais entenderam.

O desgosto e sofrimento provocados pela drástica e dramática distinção na evolução da menina só não foi maior que o assombro e a repulsa provocada em seus pais. Desde o nascimento, perceberam algo errado em distraída. E desde sempre sabiam que nada poderia mudá-la.

Cegos e frios. Não se importavam mais. Preferiam que morresse ou que nem tivesse nascido. Abandonaram-na e entregaram-na ao mundo.

Mas "o mundo" era apenas o *seu mundo*. Distraída contraída.

Todas as noites, quando o sítio dormia e as estrelas se apresentavam, distraída pulava a janela e corria para os campos. Sentia-se livre, dona de uma personalidade, intuindo um destino maior. Não sabia. Não sabia. O verbo não lhe alcançava.

Aos céus, mirava sempre a sua estrela — a maior de toda a constelação.

Distraída iluminava-se ao imaginá-la ao seu lado. Brilhando aos seus olhos, iluminando a sua casa, a sua vida — preenchendo-a com sentido. Em *sua linguagem*, sabia-se diferente do mundo que se lhe apresentava. Mas não havia idioma para descrevê-la.

Ao longo das noites, seus sonhos a levavam pelos céus, a flutuar por entre as nuvens, em busca de sua estrela dourada, em lírica beleza onírica de onde nunca desejaria sair. Sabia o que o sonho significava: libertação!

Distraída vivia em um corpo, em uma mente, em uma família. Lhe aprisionavam e que não lhe pertenciam. Dor e sofrimento. Angústia e humilhação. No mais primário dos universos: sem palavras, sem descrições, sem imagens, sem sinais. Apenas a presença daquela vibração e a memória daquelas noites a sustentavam. Enxergava na estrela uma chave, uma finalidade, um ruído de destino. Não sabia como, nem por quê.

Na noite em que completou doze primaveras, caminhou para mais longe que de costume, onde os campos não eram tão floridos. Como sempre, ninguém a vira se afastar. Ao luar, avistou em seu pulso, pela primeira vez em sua vida, marca em estrela que era seu *sinal de nascença*.

Não olhava o céu. Contemplava-se em êxtase infinito.

A estrela lunar, a maior do seu espaço, pareceu brilhar mais forte e a crescer exponencialmente, como se quisesse engoli-la.

Neste momento, sem dizer uma palavra, distraída caiu pesadamente ao solo. Estava morta. No mesmo instante, um meteoro cruzava os céus e destruía completamente o sítio onde viveu sua curta, isolada e infeliz infância.

Sua estrela, a maior da constelação, caia em cadência infinita. A lua persistia brilhando como nunca. Noite e luz.

Distraída não viveu feliz para sempre.

Mas seu espírito, agora liberto e sábio, estava pleno como se sempre *tivesse vivido feliz*.

E assim, *viveu feliz*.

Para sempre.

O garoto e o pássaro azul

Àqueles que desejam se conectar.
E não conseguem.

Era uma vez um garoto.

Garoto moreno, cabelos negros, soltos ao vento.

Pré-adolescente, olhar lânguido e sonhador. Sonhava e olhava. Pensava. Via e vivia. Via e vivia *demais*.

Vivia sozinho. Não era sozinho. Mas queria *ter só*. Seu olhar se voltava para as coisas do mundo, e boa parte do mundo que via pertencia somente a si. *Aquele* era seu mundo, compostos de reflexos imperfeitos, imagens paralelas, fantasias infinitas e muitas possibilidades.

Era a sua ilha. Seu tesouro.

Garoto alegre, feliz, brincalhão e inteligente. Sempre a correr em suas calças azuis e suas camisas brancas. Mais parecia um garoto ordinário, vivendo uma infância despreocupada em meio às *desseriedades* do mundo adulto.

Sonhava demais. *Queria* demais. *Ansiava* demais.

Queria conhecer os pais. Queria *mais do que conhecia*.

Queria conhecer o mundo, *mais do que conhecia*.

Queria sentir os destinos. *Mais do que lhe era dado*.

Contudo, havia *algo errado*. Parte do garoto era só. E o garoto *não queria ser só*. Queria o mundo. Queria também uma companhia. Sonhava e ansiava por ela. Olhava e sonhava. Queria amar, compartilhar, construir. *Queria um amor*. Um amor *conjugal*. *Uma alma gêmea*.

Apesar de não notar, talvez por não saber sequer nominar, a ausência da alma gêmea era um espinho. Nos pés, nos olhos, no coração. Doía e vivia.

Apesar de tudo, o garoto pressentia que uma grande missão o esperava para dar fim a este tormento. Intenso, vivia do êxtase ao desespero, e estava tudo bem.

O garoto morava em uma grande casa. Sua mansão era situada em um grande terreno, onde cresciam árvores frutíferas de todo tipo. Seus pais, amorosos e carinhosos, lhe proviam de todos os cuidados materiais e afetivos.

A abundância material, emocional e espiritual não fechavam, contudo, a lacuna que se anunciava: a limitação da idade e da realidade cruel não deixava a *alma gêmea* se aproximar. Sabia que ela a esperava, em algum lugar, de algum modo, em algum caminho, num tempo qualquer.

Premido por sua solidão, amparado pelo universo fantástico de sua vida pré-adolescente urbana, o garoto imaginava. O garoto tinha lampejos. Pensava no espaço, nos cometas, nos planetas e nas estrelas no mundo. Imaginava ser um herói. Um grande caçador. Tinha um arco azul. Uma flecha branca. Subia no terraço da casa por uma das árvores do pomar, rente ao muro, e, na parte mais alta do topo da casa, flechava um pássaro azul que por ali sobrevoava. Vivia e imaginava.

O pássaro era real. Mas só ali passava quando o garoto subia. O garoto não sabia, *mas só ele o via*. O pássaro era apenas a ele visível. Somente em seu mundo. Existia.

Passaram-se alguns anos, nesta cálida externa, mas intensa interna rotina.

Certo dia, o pássaro se aproximou mais que de costume. O garoto não conseguiu atingi-lo com as suas flechas

imaginárias. E após múltiplas tentativas, tomado de súbito cansaço, adormeceu.

Veio o seu sonho.

Sonhou que estava no mesmo telhado da sua casa. O pássaro azul, não tendo sido flechado após múltiplas tentativas, o tomou nos braços e o levou, através das nuvens e visões de rios e planícies, a uma grande e sinistra floresta, numa planície no alto de uma montanha.

Abandonado na orla, o garoto entrou em desespero, clamando pelo pássaro.

Sem obter resposta, desatou a caminhar. Caminhou por sete dias e sete noites, sobrevivendo da água dos riachos e dos pequenos frutos encontrados nos arbustos. A floresta lhe era familiar, mas não conseguia fazer ideia de onde a conhecia.

Após caminhar perdido, sem encontrar trilha, saída ou sentido, lembrou-se do seu amor. O amor que queria tanto compartilhar. Pediu ao amor força. E a força veio, continuando a andar.

Não sabia que tinha chegado ao coração da floresta.

Na clareira, avistou um lindo lago, de águas calmas, mas negras e profundas. No meio do lago havia uma pequena ilha, e no meio desta uma bela fonte de mármore branco.

Encantado, tomado de fascínio pela beleza inusitada naquela floresta sombria, esqueceu que não sabia nadar e mergulhou na água. Lutou, debateu-se, insistiu. Queria chegar à ilha. Foi então que percebeu, após instantes de desespero, que a profundidade do lago se ajustara, como mágica, lenta e finamente, à altura do seu pescoço. Continuou.

Ao chegar ao seu destino, contemplou a fonte. Nas águas límpidas e cristalinas formou-se lentamente a imagem de uma linda garota. Olhos negros, cabelos castanhos, pele lisa.

A garota dos seus sonhos! A alma gêmea!

Emocionado, fixou-a nos olhos. A menina disse-lhe que um pássaro mágico, *"de cor azul"*, a aprisionou na fonte, e que ela só seria libertada caso o primeiro viajante que a achasse encontrasse as penas mágicas e as mergulhassem nas águas da fonte.

Precisa encontrar o pássaro azul e a águia branca, disse-lhe a garota. *Só a união das suas penas pode restituir-me a liberdade.*

E então a imagem da garota desapareceu.

Atormentado pelo seu sumiço, implorou que retornasse. Mas via apenas a água límpida e o fundo transparente da fonte branca. Tomado de paixão e encanto, mesmo sem saber como, prometeu ajudá-la. *Prometeu que a salvaria e a levaria consigo.*

E então, tomado de repentina letargia, adormeceu aos pés da fonte.

Sonhando dentro do sonho, viu-se nadando por um lago. O mesmo lago. Vestia a mesma calça azul e a mesma camisa branca. Nadava. Buscava sofregamente a margem, a qual parecia cada vez mais distante. Percebeu, algo surpreso, que estava um pouco mais velho e mais forte. E que *sabia* nadar.

Não desistiu. Em seu delírio onírico profundo, havia uma garota que, não lembrava onde nem como, prometera salvar.

Saiu do lago decidiu a encontrar uma solução para a vaga sensação de perdição que lhe ia ao íntimo. Onde estava? Para onde ia? Por que a imagem daquela garota lhe invadia a mente? Não sabia. Sabia que precisava seguir em frente.

E seguiu. Por mais sete dias e sete noites.

Finalmente, viu um clarão. Chegara ao outro lado da floresta!

Mal sabia o que lhe aguardava.

Algumas dezenas de metros da borda da floresta, havia um grande penhasco. O horizonte se descortinava escuro e infinito. O céu não tinha cor. O sol não vinha de lugar algum. A luz era pálida e fraca. Uma desconfortável sensação de *crepúsculo* o seguia.

Caminhou. Caminhou muito! Mas não sabia aonde ir nem o que fazer. Apenas o desconforto, o medo e o pesar lhe invadindo o coração, sem explicação, sem destinação, sem destino.

Mais uma vez premido pelo cansaço, ajoelhou-se e implorou por ajuda. Não pedia a alguém. Pedia a ninguém. Pedia ao mundo. Nunca tinha se preocupado em pedir ajuda à natureza. Mas intuía que algo zelava pelo seu destino. Algo que lhe era acessado pelas belas memórias guardadas nos tesouros do mundo criado na sua infância distante.

Neste momento, ouviu um grasnado rasgar o céu. E aliviado pela repentina visão, percebeu ao longe o grito de um pássaro. Apertou os olhos. Era um pássaro azul.

Correu. Após um tempo que não soube contar, virou a esquina do bosque e deu de frente com um enorme carvalho.

O espetáculo era paralisante devido à sua terrível beleza. Chegara à arvore primeira. A primeira árvore da floresta, que dera origem direta e indireta a todas as outras. Majestosa, com cerca de cem metros de altura, tronco firme, coberta de musgo verde claro, impunha evidente imponência por sobre suas irmãs da floresta.

Nos seus galhos, chiavam e cantavam pássaros. Pássaros de todas as cores.

Não encontrou o pássaro azul. Contudo, *algo* em si o fez mirar o topo do carvalho. E lá ela estava. A mais bela guardiã da floresta. *A águia branca*!

Tudo se passou muito rápido. Entre examinar seus sentimentos e suspeitas, a lembrar de que, por algum motivo, precisava se aproximar desta águia, um grande e monstruoso gavião marrom rasgou os céus em alta velocidade. Olhos vermelhos vidrados, intensa ira em sua expressão, voava como um foguete.

Ia em direção à águia. Ia caçá-la. Iria matá-la.

O garoto lembrou-se da sua infância. Lembrou que sabia, *mas não como*, construir um arco e usar as flechas. E assim o fez, rapidamente, utilizando-se dos galhos de um arbusto próximo.

Não haveria outra chance. Não poderia errar. Mirou, aprumou o arco e disparou.

Certeiro! Interceptara o gavião a poucos metros da apavorada e então indefesa águia branca.

Houve uma grande algazarra. Os pássaros de todos os galhos voavam e chilreavam, numa grande festa. O garoto foi invadido de imensa paz. Em alguns instantes, a águia branca alçou voo e desceu lentamente em sua direção.

Ofuscado por sua luz, não percebeu que a águia ia mudando de tamanho e forma, na medida em que se aproximava. Uma forma humana. A forma de uma garota. Uma garota de olhos negros, cabelos castanhos, e pele lisa. Em teus sonhos, jurava conhecê-la. Falava enigmaticamente, mas a compreendia.

— Amor humano, leve rapaz. Salvaste-me. Testaste-te. Agora tens o destino nas mãos.

E entregou ao garoto um par de penas. Uma pena azul e uma branca, que retirara do seu próprio flanco.

— Segue teu coração, luta por tua vida. Um dia, serás quem quer, terás o que és.

***

Revestido de energia e esperança, o garoto retornara à floresta, onde vagou por sete longos anos e tornou-se jovem adulto. Aprendera a caçar e a sobreviver na mata. Nos momentos difíceis, sempre tinha a impressão de estar sendo vigiado. Em lampejos, por vezes tinha a impressão de que uma ave azulada o espreitava, mas nunca conseguiu flagrá-la.

Passaram-se muitos anos. O garoto, agora um homem feito, jovem e vigoroso, vivia solitário.

Aprendera a ser paciente. A viver o mundo real. Observava o devir do clima e das estações do ano. A floresta lhe parecia cada vez menos misteriosa. Vivia com uma impressão de que estava exilado, ou distante de algo que não sabia explicar, sensação que progressivamente amortecia em seu íntimo.

Em uma clara e límpida manhã de inverno, encontrou um lago. O lago tinha águas rasas e cristalinas, com uma fonte de mármore branco na ilha do meio. Uma forte impressão de *deja vú* o acometeu. Nunca estivera ali, mas uma certeza interior o alimentava. Nos sonhos? Nas memórias? Nas matas? Não imaginava.

Correu e pulou no lago. Um grande senso de obrigação e objetivo o direcionava. Nadava habilmente, com sofreguidão. Chegando à fonte, olhou o fundo para sua fisionomia robusta, rosto plácido, pele morena, grossa barba negra. Não viu mais nada. Nenhum objeto. Nenhuma imagem.

Neste momento, sentiu pesar o seu bolso. E de lá retirou objetos de que nem lembrava existir: uma pena azul e uma pena branca, que lhe fora doada por uma bela águia que tinha salvado de um furioso gavião castanho, há muitos anos.

E lembrou-se de suas palavras. Agora, era senhor do seu destino! Chorou. Chorou de alegria.

E entre lágrimas de felicidade, mergulhou as penas nas águas brancas e frias. Ao toque lhe pareceu agradável e fresca. Bebeu. Banhou-se, e saiu. E novamente, adormeceu aos pés da fonte.

***

Havia sete anos que acordara aos pés daquela fonte, despertar que lhe pareceu vir de um longo sonho, recheados de gaviões, combates com flechas e caminhadas na mata.

Aparentando estar pela quinta década de vida, o garoto já tinha decifrado todos os obstáculos da floresta, aprendendo a viver bem lá. Conhecia seus habitantes e tornara-se seus amigos. Vivia em plena harmonia com as plantas e animais. Não havia notícias de nenhum pássaro negro por aquelas paragens, nem nenhuma ameaça àquele reinado de paz. Lembrou que caminhou por aqueles caminhos ainda criança, chegando a envelhecer por anos na floresta, e que despertara subitamente nos pés da desconhecida fonte após muito tempo.

Contudo, o garoto continuava a sentir-se muito só. Não sabia quem era, nem de onde tinha vindo. Não conhecia sua origem nem porque ali vivia. Não sabia por que era como era. Havia esquecido de si?

Mas sabia que queria amar. Compartilhar, construir. *Queria um amor*. *Uma alma gêmea.* E por isso*, estava em paz.*

Ajoelhou-se. Começara a chover. Desejava ardentemente, como nunca, estar na companhia de um amor que jamais conhecera.

Jamais mesmo?

Ajoelhado, clamando muda e não verbalmente à natureza por *algo maior*, avistou um pássaro azul. Belo, grande e majestoso. Sábio, virtuoso e pleno. Um pássaro grandioso e de *presença* nunca vista.

Inerte, entregue, braços abertos, ajoelhado, deixou-se apanhar pelas garras delicadas do pássaro.

O pássaro içou-o no ar, e parecia penetrar-lhe os pensamentos. *Testaste-te. Agora serás quem quer, e terás o que és.*

***

E assim foi.

E foi uma longa viagem, de milhares de dias e milhares de noites, por largas montanhas e belas planícies, vista por entre as brumas brancas das nuvens. O garoto sonhava, e voltava a ser o que era. Um belo garoto, alegre, feliz, brincalhão e inteligente. Era seu mundo.

E seu mundo nunca mais seria o mesmo.

***

Acordou.

Fatigado, pensou que tivera o sonho mais longo de toda sua vida.

Estava no terraço de uma casa que há muito conhecia. Uma casa com muitas árvores frutíferas. Lembrou que ali moraram seus avós, seus pais, e ali moravam seus filhos e netos. Aquele garoto, de cabelos ao vento, de calças azuis e camisas brancas, para sempre povoaria seus sonhos, seu coração e sua alma.

Passou a mão enrugada pelos cabelos brancos e pela barba espessa. O sol ia alto. *Dormira demais! Precisava descer para o almoço.*

Trepando nos galhos da antiga macieira, cuidadosamente alcançou o solo. Queria abraçar a sua esposa, que o esperava. Sua companheira de longos anos, de olhos negros, cabelos castanhos, pele lisa.

E foram felizes para sempre!

Salvador, 17 de março de 2012

A história do menino sol e da menina estrela

Há incontáveis momentos, antes do início dos tempos e dos mundos, moravam, numa casinha minúscula, dentro da cabeça de um alfinete, duas crianças: o menino-sol e a menina-estrela.

O menino-sol parecia um garoto como outro qualquer. Tinha roupas e cabelos curtos azuis, pernas finas e corpo magro e alto. Possuía olhos cintilantes, que revelavam profunda inteligência, astúcia, sagacidade e muita vontade de agir. Levava em si o amor e a alma dos homens e criaturas do universo.

A menina-estrela fazia um bonito par oposto. Mais baixa, cabelos longos vermelho fogo, vestido cor de vinho, pele rósea e corpo esguio. Possuía olhos cintilantes, que revelavam a profunda placidez da alma e dos costumes, paciência, resignação e muita vontade de amar. Levava em si o amor e a alma dos planetas, galáxias e elementos do universo.

O menino-sol e a menina-estrela, embora vivessem na mesma casa, não se conheciam. Entreviam-se, conversavam muito pouco e não se entendiam. Estava cada um imerso em seus pensamentos, em seu mundo interior. Falavam línguas diferentes.

Mas uma coisa tinham em comum: Queriam sair da cabeça do alfinete.

O menino-sol achava que deveriam vasculhar a cabeça do alfinete de cabo a rabo. Ir a todos os cantos, ver todos os

objetos por dentro, fazer experiências, combinações, para assim ver se conseguiam sair de lá.

A menina-estrela pensava o oposto. Preferia deixar tudo como estava, acreditando que sair de lá era seu destino e que bastaria dar tempo ao tempo.

Milhões de anos se passaram. E nada acontecia. Como não conseguiram sair sozinhos da cabeça de alfinete, resolveram, enfim, conversar para tentar achar uma saída.

— Oi! Sou a menina-estrela... Esquento, cresço, subo pelas frestas da terra e sou atirada subitamente aos altíssimos abismos celestiais...

— Oi! Sou o menino-sol. Trânsito entre o feio e o belo, o claro e o escuro, o início e o fim. Vivo em um ciclo avassalador, que me desgasta, consome e corrói. Assim, me faço ressurgir. E renasço belo e iluminado, como sempre fui.

— Ah, menino-sol... você não é de nada! sinta minha grandiosidade! Você é anônimo. Ninguém o conhece, ninguém o vê, você passa e não fica... e se fica, já passou! Já eu sou conhecida no meio das galáxias, nas fenestras dos solos, entre os vazios, entre os átomos do ar, chegando até as grandezas estratosféricas...

— Não venha com esse papo de geografia! Disse o menino-sol. Saiba que eu sou como sou. Como quem te vê, quem te mede, quem te usa e quem te burla. Sei quase tudo sobre tua vida. E o que não sei, pode perfeitamente ser conhecido. É só estudar! E fim de mistério.

Enraivecida, e ao mesmo tempo entristecida com o rumo da discussão, a menina-estrela respondeu:

— Tsc tsc... ciências humanas... e ainda dizem que servem para alguma coisa! eu sou a natureza, eu sou a realidade nua, crua, por si! tudo que você faz, tudo que você cria, tudo que você gera, constrói, chora e destrói, é na tentativa

de me dominar! E por maiores que sejam as migalhas que você ganha com isso, jamais terá noção de onde termina a minha infinitude...

***

E a discussão assim continuou por milhões e milhões de anos. Até o dia que o menino-sol, cansado do conflito, resolveu contemporizar:

— É... sua infinitude... concordo com você nesse particular. Ela faz parte de ti, não de mim!

E continuou:

— Menina-estrela, não quero te conhecer para que se torne desconhecida! Quero o poder do homem nas mãos para não querer o poder da Terra! Porque este já pertence a ti, menina-estrela, mas a ti não pertencemos! Estenda tua infinitude a nós, pois nós não a temos! E faremos de tudo pra nos integrar a ela. A ela e a ti. Você pode ter o infinito, mas não tem a mim.

Aproximaram-se.

Neste momento, ocorreram fenômenos de rara beleza.

Luzes faiscaram, e o azul e o vermelho se aproximaram. Menino e menina, homem e mulher, criatura e *criatriz*. Criador. Duas cores se fundiram. Ficaram brancas. A cor. A cor de todas as cores. O branco, cor da criação.

O belo e onipresente preto deu o aval.

Finalmente, o menino-sol e a menina-estrela se fundiram. E então...

Big

Bang!

***

CRÔNICAS DA VIDA

Amor

Há momentos na vida em que, qualquer que seja nossa hierarquia de necessidades, sentimos que está tudo de ponta-cabeça.

Apesar de toda a rede de sustentação que temos por trás de todos os passos que damos na vida, tendemos a olhar pro abismo obscuro dos problemas e por vezes neles nos perdemos.

São os momentos de muita tristeza, angústia, ansiedade, baixa estima, culpa e toda sorte de dores da alma.

Eles vêm do nada e perduram por mais ou menos tempo, com maiores ou menores consequências. Mas sempre incomodam.

Trata-se, senhores, do que Carl Gustav Jung denominou sombra.

O obscuro em cada homem é universal, e não escolhe cor, credo ou classe social.

E eis o nosso clichê.

E eis que surge a luz.

Como assim?

Ora, apesar dessa onipresença da sombra, qual o tema mais falado e abordado no universo das produções e atividades humanas?

Ele mesmo, o bom e velho AMOR.

O amor é a válvula de escape natural à falsa onipresença da dor. É o carinho entre familiares, a presença dos amigos,

a injeção de ânimo no dia cansativo de trabalho, a sensação boa ao planejar o lazer, os bons sonhos, a respiração, as instituições sociais... Tudo.

Tudo neste mundo que contenha um mínimo de ordem e harmonia, tem em si o amor.

O amor é exatamente isso: o princípio de ordenar e harmonizar.

Princípios das coisas são mais belos que as já belas coisas em si.

Não seria abuso dizer, portanto, que o amor está em tudo e em todos.

E ele luta com as sombras. Dizem que o mocinho sempre vence.

Muitas vezes eu não testemunho. Mas eu acredito.

Futebol

Sempre acreditei em universos paralelos. Quando criança, em idade escolar, acreditava piamente que, sob qualquer montinho de grama, poderia haver um baú enterrado cheio de tesouros.

Entre deboches e risadas, ouvia dos adultos: "Quem iria enterrar?". Não sabia. Mas sabia que era possível.

Além do universo dos baús enterrados, desenvolvi muitos outros com os anos. O universo dos jogos inventados. Da biblioteca caseira. Das catástrofes ecológicas (sim, sofria com cada segundo de escape de CFC pelo carro que me levava para a escola). Das histórias infantis.

Todos esses universos só existiam quando eu olhava pra eles. Quando eu pensava neles. É a *minha* superposição quântica, o gato de Schrödinger Thiaguiano.

Mas estes universos eram estritamente pessoais. Apesar de crianças o terem semelhantes, a essência do que eu criava, pertencia, naturalmente, a mim.

Os anos se passaram. Os universos paralelos também. Principalmente os individuais.

Mas não os coletivos. Pelo menos alguns deles.

O que esta conversa tem a ver com o futebol?

Tudo. Não há neste país universo paralelo coletivo maior que o proporcionado pelo futebol.

Abandonamos momentaneamente nossas máscaras para virarmos torcedores. Uns mais apaixonados, outros

nem tanto. Deixo de ser médico para vestir a camisa do meu time. Como cidadão, leio sobre política. Como torcedor, leio as resenhas.

O senso de pertencimento anônimo a uma grande comunidade, fanaticamente solidária aos domingos - como o são as torcidas - dificilmente é explicado pela razão. Não é algo que busca ser entendido, e sim vivido. Sem cor, sexo, idade ou classe social.

Sim, ser torcedor é adentrar no maior universo paralelo deste país.

O futebol-torcida se equipara ao futebol praticado por cada brasileiro. Desde as partidas da infância até as (cada vez mais raras) de adultos. Este universo paralelo nunca se perde. O indivíduo vira um time. O homem vira um menino.

Hoje, chegando de uma partida de futebol, assim me sinto: Saído de um universo paralelo, de um mundo de fantasia, onde o menino é o pai do homem, que deita na cama, vai dormir, e no dia seguinte sai para trabalhar.

Então... até o próximo jogo!

Mensagem a janeiro

Estou preocupado com o tempo.

Venho preocupando o tempo. Não o clima (por mim teríamos verão por todo o ano), mas com o *Cronos*, o tempo, o *timing* propriamente dito.

Como bom canceriano, sempre me interessei pelo passado. O meu passado, o passado dos homens, das coisas mínimas, dos objetos caseiros, das ruas da vizinhança, o passado da humanidade. Os seus desdobramentos. Os pontos cegos. As fantasias sobre o que acontece ou poderia ter acontecido. As redes formadas e desfeitas. Tudo. Tudo mesmo.

O que aconteceu com Ciro (*) que foi meu colega de turma no segundo ano e me jurou amizade eterna?

Quem era a moça que oferecia à minha mãe sanduíches gratuitos nos intervalos das aulas de esportes? Como era a vida dela?

Porque aquele garoto que passou ao lado do meu carro, a cavalo, em 1990, estava com pressa? Pra onde ele foi? Onde está agora?

E centenas de milhares de perguntas que, como essas, estão engatilhadas para serem feitas.

Penso que há uma teia de relações humanas cuja força dos laços varia em função das infinitas variáveis que determinam as tensões entre as cordas. Cada nó é um indivíduo. É um eixo em outra direção. Ele coordena as cordas que en-

laçam e que soltam e determina quando, como e com que força segura cada uma.

E aí temos nosso rodeio de cordas, nossas redes de relações. Plasmadas nos espaços existentes entre as memórias, lembranças, pensamentos e sentimentos de um para o outro, no tempo cronológico da nossa vida entre o tempo irracional do ludismo das nossas mentes. Cronos e Kairós. Tempo sem tempo.

Mas tenho me preocupado com o tempo. Digo isso porque, apesar de sempre ter filosofado sobre ele (como fizemos nos parágrafos anteriores), vi que fatos importantíssimos para minha formação como alma estão fazendo décadas de aniversário.

Buscar resquícios de uma explosão vinte anos depois diminui muito a chance de se avaliar seu impacto. Sendo assim, nossas "bombas" mais importantes acabam respingando pouco tanto depois. É a lei da física: se há atrito, menor é o trabalho.

Me preocupo ao perceber que é necessário rever máscaras e posições, e que nosso chão, embora plano, reto e confortável de pisar, é movediço e não foi feito para perdurar no mesmo lugar.

O tempo passa, e me preocupo com ele. Preocupo-me com minha (in)capacidade de equilibrar o que tanto é necessário prender, com o que é necessário deixar levar. E deixar ir.

Preocupo-me com o tempo porque houve uma virada de ano. E nossa cultura dadivosa nos faz o favor de nos lembrar periodicamente que devemos *continuar* fazendo o que *sempre* fazemos, fizemos e faremos: viver.

Viver é o malabarismo das memórias internas e do mundo externo. O malabarismo entre o presente e o passado. Entre os presentes e passados seus, com os presentes e passados alheios. Internos e externos.

Isso é o tempo. Isso é a vida.

Estou preocupado com ele.

Estou preocupado com ela.

É o fardo da consciência. O fardo do humano. O preço do ser. Uma pequena estrela na escuridão do universo. A dádiva da natureza. O universo com suas estrelas. O quinhão de Deus.

Sou normal?

Acho que sim.

Acho que somos.

A farra dos livros

Bahia. Salvador. Faculdade. Biblioteca. Conversando banalidades da nossa profissão, uma amiga lança-me de supetão:

— O conhecimento desperta a ganância. Conhecimento chama conhecimento, e passamos a querer mais e mais. É a ganância do saber. Insatisfeitos, vamos atrás dele e isso não acaba nunca. Tenho vontade de virar surfista.

E a aspirante a médica, neste momento, passou a falar com orgulho de um seu vizinho. O rapaz tinha, no tamanho das ondas e no estado da prancha de surf as suas maiores preocupações.

Citação interessante. Lembrei-me de ter lido algo semelhante em uma revista de consultório odontológico. Um grande empresário (desses que largam a diretoria de um conglomerado pra criar gado ou virar monge) disse, em uma entrevista, que "pensava que o dinheiro era uma eterna insatisfação. Ganhando mais, querendo mais, buscando novos negócios, numa busca sem fim".

Porque coisas em essência tão distintas ("conhecimento e dinheiro") criam problemas tão semelhantes? Aliás, por que eles criam problemas?

Em ambos os casos, a minha amiga e o grande empresário, saturados pela busca do dinheiro e do conhecimento, esgotaram-se.

Esgotamento exagerado, rompante proporcional à dor, atitudes igualmente radicais: a médica virou surfista, o empresário virou monge.

Não se iludam: monges e surfistas se estressam.

Quantas pessoas, ao longo do viver urbanizado ocidental do nosso século, não adoecem apenas pelo esgotamento causado pelo esforço da busca? Meu consultório está cheio. Eu mesmo caio nessa com certa frequencia.

Sentir que algo vai errado dista muito de entender o que acontece e buscar se ajudar. E buscar ajuda.

Procure entender o que acontece com você.

Informal

Moro num lugar informal demais. O lado construtivo dessa informalidade é cantado em verso e prosa: é a magia da Bahia. Contudo, acho que um pouco de formalidade cairia bem. Digo formalidade no sentido do adequado apego à FORMA como as coisas devem ser feitas.

Mas nem tanto. Nem tanto.

***

Outubro de 2015. Florida, EUA.

Bar na beira da estrada.

Deslumbrado com a variedade de cervejas a pressão (popular chopp), fui atendido por uma loura e americanís-sima balconista (que chamaremos aqui de "moça"). Travou-se o seguinte diálogo:

— Samuel Adams, por favor (ótima cerveja).

— Claro senhor, para já.

E eis que veio o copo. E a conta.

Começo a saborear a maravilhosa cerveja, ouvindo um agradável *blues* que vinha das caixas de som graciosamente espalhadas pelo teto.

Após dois goles, absorvida 15% da caneca. 85% permaneceu no copo.

— Você gostaria de outra cerveja?

Não era o tipo de decisão que queria ter que tomar na-

quele momento. Por que não esperou chegar até o final do copo? Estranhei

— Creio que sim, mas não agora.

Não gostei de ser importunado. Mas (sei lá), ela estava tentando, talvez, ser agradável. Talvez atenciosa, pois manteve o olho em mim (e no meu copo) o tempo todo.

Após quinze minutos, quando faltava 15% da caneca para que o nível do chopp beijasse o papelzinho da conta na mesa, vem a moça:

— Senhor, você irá querer mais alguma coisa?

Olho para o lado. Balcão vazio. Bar vazio. Ela parecia apenas estar fazendo seu trabalho. Educada até. Contudo, comecei a perceber que estava sendo, em alguma instância, talvez, algo inadequado. Algo a estava incomodando. Para não a contrariar, disse:

— Blue Moon por favor. Mas antes gostaria de pagar a primeira conta.

Entreguei os dólares. Em resposta, sorriso Colgate e voz de telemarketing:

— Obrigado e *volte sempre* (hein!?)

Quando me preparei para protestar (afinal eu tinha acabado de pedir OUTRA cerveja, e ela me vem com obrigado e volte sempre?), ela se vira com DUAS canecas de Blue Moon. Com a conta colada em uma delas (claro).

Questionei o porquê das duas canecas, pois eu havia pedido somente uma.

— É porque até cinco horas a promoção dessa cerveja é de cerveja dobrada.

Surpreso positivamente, perguntei:

— Mas não poderia vir uma de cada vez?

À esta pergunta, ela me olhou como se eu estivesse falando em um idioma alienígena. Talvez pensando que eu tivesse tentado fazer uma brincadeira.

E então:

— Senhor, *você irá querer mais alguma coisa?*

Que os duendes o acompanhem

Março de 1989.

Idade: Seis anos.

Local: Escola.

Deslumbrado com a sala de aula, mergulhava eu no aprendizado do que seria um dos maiores responsáveis pelo que sou hoje: a capacidade de ler.

Pois bem.

Após início do ano letivo, já nos primeiros dias do curso, durante as aulas, uma vendedora aparecia com posters de duendes e dizia algo assim: "Gente, olhem os duendes, olhe como são lindos, se quiserem levar pra casa falem pra seu pai mandar um cheque".

Eu não sabia o era um cheque. Sequer sabia lidar com dinheiro. Duendes? Nunca vi, nem ouvi falar.

Contudo, metódico como nasci, passei a acreditar que levar um cheque pra levar os duendes para casa tratava-se de uma obrigação, assim como eram as tarefas de casa prescritas pela professora. Assim como tudo que qualquer adulto falasse de modo imperativo.

Mas como explicar para meus pais que tinha uma obrigação cujos elementos eu sequer sabia do que se tratava? Cheque? Duende? Poster? Não sabia o que era nada disso. Eu era novo no mundo e não conhecia estes elementos terráqueos. E eu *não sabia que não sabia.*

Instalou-se, então, um conflito por desconhecer como falar do desconhecido, por um motivo igualmente desco-

nhecido. A natureza deste conflito era desconhecida simplesmente por eu nunca ter abstraído na vida o que era conhecer um conflito.

Pois bem. Um dia, ao descer do Monza, falei algo assim pro velho: "Pai, tem que levar um negócio lá pra professora dar aqueles papéis grandes". Hoje sei que me expressei com o melhor que pude.

Ele me olhou, e após longos segundos, parecendo entender do que se tratava, me deu um papel (que hoje sei ter sido um cheque).

A professora e a vendedora ficariam felizes!

Ao entregar o cheque, a *tia* me disse: "Acabou, você demorou".

Passei a aula frustradíssimo, matutando, pensando onde tinha errado. Levei o cheque pra casa.

E por muitos anos minha alma perfeccionista se semiatormentou por não ter tido tempo de levar um papel desconhecido pra trocar por outro papel desconhecido, por um motivo também desconhecido.

Apanhar e esquecer. #SQN

Almoçando no restaurante do edifício comercial onde tenho um consultório, vislumbrei, duas mesas à frente, uma antiga professora que por um único semestre, duas vezes por semana, me deu aulas de inglês em um cursinho de idiomas de Salvador.

Na época, eu estava numa *bad* enorme, um momento de vida difícil emocionalmente. Fatigado, frequentava as aulas, mas quase nada falava em sala.

Em determinado momento, ela solicitou uma redação (*composition*).

Apesar de falar pouco em sala e de sempre ter tirado notas baixas em redação, paradoxalmente sempre escrevi muito bem e fiz uma *composition* impecável. Devido a um feriado, perdi o prazo e tive que enviar a redação por e-mail.

Na aula subsequente, após o término, ela me disse, alto e em bom som, na frente de quem pudesse e quisesse ouvir:

— Thiago, você não rende em sala o suficiente pra ter feito essa redação. O texto está impecável. Foi *você mesmo* que fez?

Entendi neste momento que ela estava sugerindo (sem tato, educação ou respeito algum pela minha pessoa, pela sua função de professora, pela sua instituição e pelo ser humano que ali estava) que eu tinha pedido para outra pessoa escrever.

Em outras palavras: sugeriu uma fraude.

Para sua pseudo-felicidade (sim, não ficaria barato), percebeu em seguida a besteira que estava fazendo e "aceitou" o texto, sem mais nada dizer.

Na época eu estava tão embotado pela depressão que talvez não tenha me dado conta da vileza da agressão que havia ocorrido. Antes ela tivesse me dado um soco.

Hoje, ao vê-la em uma mesa de restaurante, dezessete anos depois, lembrei imediatamente desta história. E durante alguns minutos, lembrei da mágoa que se sofre ao se ser injustiçado, maltratado e agredido gratuitamente. Mesmo que o fato seja aparentemente algo corriqueiro e banal neste mundo louco de meu deus (ora, quer algo mais banal que pequenas rusgas entre aluno e professor?).

Eu não estava bem. Pessoas se matam por gatilhos assim. Ninguém percebeu. Ela não percebeu. Não fez questão. *Não se faz questão*.

No restaurante, eventualmente nossos olhares se cruzaram por dois ou três segundos. Ela *não* se lembrou de mim.

Eu lembrei com riqueza de detalhes.

Moral 1: Quem bate, esquece. Quem apanha, não.
Moral 2: Perdoar é se libertar.

Salvador, 11 de janeiro de 2018

Futebol II:
Nem sempre vence o melhor.
Ou não?

Aos sonhadores

A história que vou contar ocorreu em meados de 2003.

Recém adulto, contava eu com o vigor de uma adolescência bem vivida, sem deixar (como é bom ser) de ter seus altos e baixos.

Sempre gostei de futebol. Desde a infância. Não consigo imaginar esporte mais bem representativo da vida como um todo.

Na vida precisamos de parcerias. No futebol também. Na vida alternamos a liderança. No futebol também. Nem sempre temos o timão nem o comando do barco. No futebol também. Por vezes temos que mudar radicalmente de posição e assumirmos um protagonismo inesperado. No futebol também. Muitas vezes tudo parece dar certo e tudo aparenta ir como planejado, sendo que de repente um imprevisto muda totalmente a perspectiva. No futebol também. Nem sempre vence o melhor. No futebol também.

A meu ver, muitas vezes esquecemos que essas "leis" acima coexistem, e assim sendo, são válidas na medida em que não desrespeitam as outras. O problema é que, quando resolvemos viver sob a égide delas, instintivamente "pinçamos" algumas e esquecemos outras.

Segue o exemplo.

No início da minha vida recém adulta, fui com amigos para um "baba" (racha ou pelada para o resto do Brasil) em um município vizinho a Salvador. Para os que eventualmente não saibam, um "baba" é um momento onde dezenas de pessoas se juntam pra se dividir em times e se enfrentarem até cansar.

Ao chegar, poucas pessoas. O campo era suficiente para dois times de sete jogadores, além do goleiro.

Nos dividimos. O time adversário contava (soube através de um amedrontado companheiro de time) com SEIS jogadores da divisão de base do Esporte Clube Vitória – além do goleiro, que era um profissional aposentado.

Ou seja: seria um time de amadores (no qual eu estava incluído) contra um time de semiprofissionais.

"Sem problema", pensava eu, inebriado pela adrenalina do desafio. "Isso não é um jogo oficial. Estarão mais à vontade. Nem sempre o melhor vence". Pensava e desfilava este pensamento vislumbrando filmes mentais de todas as vitórias improváveis de que tinha conhecimento.

Lembrei de Davi contra Golias.

Lembrei da final da copa de 50.

Lembrei dos que diziam no meu ginásio que eu era muito avoado pra passar direto em todas as matérias.

Lembrei dos cachorros que criava em casa na infância e que, mesmo comendo chumbinho e sabonetes, sobreviveram.

Lembrei da fome na África.

Lembrei da fome no meu quintal.

Lembrei da virada soviética na segunda guerra mundial.

Lembrei das "zebras" do brasileirão daquele ano.

Finalmente, lembrei do Arthur*. Este cidadão contrariou todas as expectativas de um colégio de centenas de estudantes ao conseguir namorar com a garota mais bonita da escola, mesmo que sua altura chegasse ao ombro dela.

"Nem sempre vence o melhor. Basta ter fé, honra, humildade e dar o melhor de si. É assim que Deus premia os corajosos!"

E todas as frases do gênero que havia ouvido na vida passaram pela minha mente como quem vê uma proteção de tela repetitiva, preguiçosamente, no notebook.

Começou o jogo! Como atacante de alma e origem, recebi a bola do colega, rolei a bola para trás (sem nem reparar em pra quem estava tocando) e corri para o ataque com todo o ímpeto que me era possível. Que canseira! Um moleque atlético correu ao meu lado em forte marcação, sem aparentar realizar *nenhum* esforço.

Neste pique, 80% do meu estoque de calorias para o jogo esgotava-se.

Pude observar, em poucos segundos, que um dos amigos que me levara para o jogo recebia a bola do zagueiro para quem eu tinha tocado a bola e, com um passe só, tocava a bola para o lateral direito.

Este lateral era o Rodolfo*. Rodolfo era um funcionário público de quase quarenta anos, um metro e setenta e cerca de cem quilos. Já tinha feito três cirurgias ortopédicas, duas delas entre o joelho e o tornozelo.

Amava futebol como ninguém, e tentava esquecer todo seu retrospecto físico e médico quando via uma bola pingar.

Geralmente não dava certo. Conseguia jogar dez minutos e saia pra tomar cerveja e comer carne (pra quem não

sabe, um baba, quando composto por homens, muitas vezes envolve queimas calóricas com reposições de churrasco e cerveja de sobra — muitas vezes ao mesmo tempo).

Pois bem.

Rodolfo recebeu a bola e, antes que incontinenti dois magrelos, atléticos e irritantemente eficientes semiprofissionais (sem um pingo de gordura, com quase um terço da idade e acostumados a fazer isso todo dia) chegassem, "correu" para a meia lua e acertou um improvável chute de perna esquerda para o gol. Belo chute. Forte. "Na veia".

A bola pingou antes de chegar ao arco.

A grama estava molhada por uma chuva leve caída horas antes.

Não conseguindo segurar, o goleiro Nelson* (ex-jogador do Esporte Clube Vitória) se distanciou dois segundos da bola. O suficiente para eu me adiantar, com um leve toque dar um lindo lençol no goleiro e soltar uma forte "bomba", de olhos fechados, para cima. A bola acertou o gol entre a "gaveta" e o ângulo esquerdo.

Golaço.

Admiti que foi um belíssimo gol. Belíssima jogada. Os jogadores adversários em nenhum momento tocaram na bola.

Mas também admiti que foi um ponto pouquíssimo provável.

Vejamos os ingredientes teste formidável tento: um gol com a participação de um obeso sedentário, um empresário atleta de fim de semana, de um zagueiro desconhecido e um atacante metido a moleque — que não passava de um estudante de medicina inseguro em sua escalada de ganho de

peso característica dessa classe (em geral sedentária) neste momento da vida.

Um gol com direito a lençol no goleiro e bola colocada no ângulo. *Estilo Pelé*.

Me senti o máximo!

Todo meu sonho de superação e de vitória dos fracos contra os fortes foi ali projetado e constelado, provando ao mundo que os fracos têm honra. Têm força e têm vez.

Lembrei num lampejo das olimpíadas de escola, no ensino fundamental, em que invariavelmente ficávamos em último lugar. Lembrei do filme Karatê Kid**, onde o moleque vencedor tomava pancada sem parar.

Lembrei de Sofia*, a colega, digamos, *menos atraente* da turma da segunda série (hoje terceiro ano) e do quanto me arrependia de não a ter defendido do inevitável e igualmente injustificado (e hoje nomeado) *bullying*.

Lembrei que a fé remove montanhas, que os fracos têm vez e que quem se rebaixa seria elevado (apesar de saber que quem se rebaixa demais acaba amostrando o que não deve).

Pensei, enfim, que dali pra diante minha vida seria diferente.

O gol era *prova* disso.

O jogo continua. Juiz apita. Saída de bola.

Tínhamos ainda nove minutos para dar show!

E então o time adversário fez sete gols em oito minutos e perdemos o jogo por 7 a 1.

Eu não consegui mais tocar na bola *uma única vez*.

Moral da história:
Nem sempre vence o melhor. Mas o melhor...
geralmente vence.

Cinética dos gases, cinética da vida

Engraçado. A caminho de casa, peguei-me a meditar sobre tempos pretéritos... quem diria que o futuro manteria o passado tão distante?

Colégio. Aula de química. Cinética dos gases: "Um gás é constituído por moléculas isoladas, separadas umas das outras por grandes espaços vazios em relação ao seu tamanho, e em contínuo movimento de translação, rotação e vibração, em todas as direções".

Num gesto de audácia, impulsionei meus pensamentos, fundo da minha anônima consciência, a igualar os gases à espécie humana. Os movimentos aparentemente caóticos e isolados dos gases não seriam análogos às infinitas coincidências cotidianas que (quase sempre) nos passam despercebidas?

Pois bem.

Estava a procurar a estação de trem mais próxima. Outrora tomara o presente caminho, o qual, contudo, não recordava de todo. Sob tranquilizante pretexto acerca do caminho que suspeitava conhecer, abordei a primeira pessoa cuja visão periférica me permitiu rotular como "minimamente confiável".

Olhei para o lado.

— Pra estação é por essa rua mesmo? perguntei.

— É sim, com certeza. Eu estou indo pra lá. Ainda bem que *construiram um trem* por aqui, agora são apenas dezoito minutos de caminhada.

Era um homem alto, tez morena, troncudo, pouco acima dos quarenta anos. Paletó, gravata, sapatos engraxados. Belos sapatos. Pretos. Cabelo lambido para a esquerda, maleta preta à mão, caneta prateada no bolso da camisa. Não o olhei nos olhos, como que a saborear de antemão a não experimentada surpresa humana que a cinética dos gases da vida me enviava. O que seria?

— Pois é rapaz, eu tenho muita experiência. Morava muito longe daqui, mais perto do centro, mais acabei mudando pra cá. Sabe como é. Deixei uma casa construidinha, com trinta máquinas de costura embaixo. *Tão lá*. Mulher não quer saber de homem não, quer estrutura. Quer que o cara estruture a vida dela. Se ela deixa de ver o homem como estrutura, ela passa pra trás, até mesmo porque só se importa mermo é com os filhos, e olhe lá. Peguei uma de vinte e poucos, a filha com quatro ou cinco, e peguei pra criar. Vixe, isso tem tempo. Chegou agora, tá aí, pedindo pensão, os filhos com carro importado, tudo crescido, e eu aqui só à pé. À pé e trabalhando muito. Aliás, durmo três horas por dia, às vezes duas. Gerente de hotel de noite, de dia toco uma confecção. Inclusive tem encomenda pra Bauru e o Brás todo. Mas é bom rapaz, o trabalho é bom pro homem. Quando eu era mais novo... aliás, voce deve ter uns vinte e dois né?

— Não...

— Nada não, tenho muita experiência, bem te digo. *Pior é na guerra*! Trabalho duro, mulher pra curtir, boa comida e honestidade *é* o sentido da vida. Ah, o trem está ali, preciso pegar agora. Um abraço *mermão*!

E saiu em debandada para adentrar o vagão mais próximo. *Eita cabra acelerado!* No auge da minha relaxada inércia

pós labuta, desci calmamente as escadas enquanto o trem se afastava, poucos metros abaixo. Ele já havia entrado.

Opiniões diferentes das minhas. Experiencias... mais ainda

E não nos parecemos com os gases?

São Paulo, 03 de dezembro de 2008

Sabor inigualável

Incrível a festa que nossa mente faz. Essa sopa de sabor indetectável, insondável. Seguir uma forma-pensamento do que quer que seja seria como tentar seguir uma molécula do que quer que seja no oceano, por qualquer espaço de tempo.

Assim como a molécula, a minha memória. Estive a lembrar de algumas histórias.

Em meados de 1993, cursava eu a *falecida* quarta série (hoje quinto ano) do ensino fundamental (na época, chamava-se "ensino primário").

Era eu um típico produto da classe média urbana de uma grande cidade. Vivia intensamente todas as vicissitudes da idade. Sabem aquelas paixões infantis, intensíssimas, protagonistas principais e coadjuvantes do palco mental de milhões de pré-adolescentes? Bem, não fugia à regra de ser dominado por elas.

A garota chamava-se *K* (por favor, preservem meu direito de lhe esconder a identidade).

Não me lembro o sobrenome dela, embora lembre que por muitos anos evocava primeiramente este segundo nome ao evocar a imagem de sua dona. *Estranho,* pensava. Associar o nome ao sobrenome, e assim, a pessoa ao sobrenome, esquecendo-se do nome... Mas aconteceu assim

Aparte conjecturas sobre o nome, vamos à história. Contava com onze anos, e encarnava muitíssimo bem o estereótipo do pré-adolescente tímido e acanhado. Sempre

na defensiva, eu era salvaguardado por um bem criado universo composto por família, brinquedos, alguns amigos do mesmo gênero e muita fantasia.

K sequer notava minha presença, exceto nos momentos de "esbarrão", ou naqueles que por algum acaso o destino me brindava com a sorte de a mesma me pedir algo emprestado, como um lápis ou uma borracha. Talvez houvesse outros momentos. Não lembro bem.

Sinto que não havia.

Não sabia o que fazer pra chamar a sua atenção, e quando por acaso (infelizmente, um acaso raro) o fazia, aquela se dava por uns poucos segundos. Míseras migalhas do tempo. Às vezes, quando um amigo em comum me perguntava algo, ou quando avançávamos juntos para a mesma maçaneta da sala de aula, ou quando coincidentemente chegávamos juntos ao balcão de lanche da cantina pra fazer algum pedido, tinha minhas míseras migalhas de tempo.

Eram segundos lindos! Essas maravilhas da sorte, que mais se pareciam com brincadeiras, joguetes do destino (como que a saborear sua imponente superioridade à timidez infantil) brindavam minhas esperanças, dando-lhes fortes pilares de sustentação. Mas onde estariam as vigas?

Eu não sabia.

Voltemos à escola. A sala de aula era uma bagunça. Havia conversa o tempo todo. Gritaria, bolinhas de papel voando, discussões sobre assuntos juvenis, aviãozinho, videogames, docinhos... Tudo isso em pleno avançar das aulas. No antes, no durante e no depois. O caos pré-adolescente levava pais e professores à beira do desespero.

Todos sabiam das conversas escusas dos docentes que propunham a remoção de certos alunos, mais "encrenquei-

ros", pra outras turmas. Achavam que separar os alunos bagunceiros mais afins resolveria o problema. Outros, à beira do limite, propunham punições ainda mais severas para os conversadores. O assunto era debatido em reuniões de pais, reuniões com os estudantes. Nada era resolvido.

Por vezes tais conversas escusas se transformavam em broncas coletivas (o popular "esporro") quando algum professor finalmente alcançava os limiares da paciência.

Nossos educadores eram reféns. *Alguma coisa precisa ser feita!* Diziam.

E assim passaram-se semanas, meses. Finalmente decidiram: *mapa de sala!*

Mapa de sala: Tratava-se de um artifício onde os professores decidiam arbitrariamente onde determinados alunos se sentariam durante o período de uma semana. Após esse tempo, o mapa mudava. A idéia era manter os alunos afastados de membros da sua "panelinha", grupinho, equipe ou parceiros preferidos de conversa, diminuindo assim o barulho e o burburinho intra-classe-trans-aula.

Pra mim, não fazia diferença. Tinha poucos amigos em sala. Não era de conversar muito (embora vontade não me faltasse). Não sei. Era tudo muito novo e confuso pra mim. Acontece que o Deus, o destino, ou o sei-lá-o-quê que governa nossa vida, ou simplesmente meu *acaso-professora*, resolveram me pregar uma peça. *Seria mesmo uma peça?* Até hoje não tenho resposta. Mas foi uma das peças mais maravilhosas da minha vida. O veneno era doce. A rapadura era *dura*. O mel e o fel.

Ao raiar da segunda-feira, ao chegar à classe, vi que K Fora randomizada, pelo mapa de sala, para sentar na pri-

meira carteira da fila do meio. Eu ficara na *segunda carteira!* Meu Deus, quisera eu saber o preço de uma molécula de adrenalina! E ela estava ali, de graça, sem esforço, sem artifícios, sem acasos, diante de mim, fadada a uma eterna semana de vizinhança didática!

Foi maravilhoso... Não sei se por sua vontade, educação de fino trato de que era possuidora, presença de espírito, benevolência, troquei mais palavras com K em poucos dias de vida do que em três anos de colegas de classe. Cada palavra era um doce. Um *sabor inigualável*, um bálsamo na alma, um *barato*, uma dose de qualquer coisa, qualquer droga. *Era uma droga.* Tal sabor me seguia, ia à minha casa, e lá eu entrava em leve abstinência, pronto pra receber nova dose no dia seguinte.

E assim fizemos trabalhos de dupla, leitura de textos. Dávamos bom-dia-boa-tarde um ao outro. Podia fazer algumas brincadeiras infantis (eram as únicas que conhecia) para lhe chamar atenção (mais pela infantilidade que pela brincadeira em si), e acabava conseguindo. Afinal, sentávamos em carteiras contíguas. Constatar tal ventura me levava aos céus... Meu espírito deve ter emagrecido uns bons quilos naquela época.

Passaram-se os dias (afinal, uma semana tem apenas sete deles). Nos separamos na sexta-feira.

No caminho de casa, ia com o coração apertado. *Será que na segunda ela estará na segunda cadeira e eu na terceira, ou ela será realocada para outra fila?* Era torcer pra ver.

No domingo, ao brincar no quintal de casa, percebi meu olho direito (e logo depois o esquerdo) bastante avermelhado, pegajoso e lacrimejante. *Conjuntivite!* Disse minha mãe.

Meus olhos estavam chorando por estarem inflamados, mas minha alma não sabia se ria ou se chorava. Disso dependeria onde K estivesse sentada na segunda-feira.

Após milhares e milhares de segundos, minutos, horas, cheguei à minha sala de aula. Contava com dez minutos de atraso, e, ainda assim, percebi que a aula não havia começado. *Estranho.* Diante da turma, postada em sua escrivaninha, professora S. permanecia calma, quieta, com uma folha de papel repleta de quadradinhos feitos à caneta. *Só poderia ser o mapa de sala.*

Inseguro, com os olhos conjuntivitemamente lacrimejantes, dirigi-me para onde julgava ser o meu-lugar-de-sentar. A turma, num gesto de escárnio apiedado, tratou de travar cochichos e olhares dirigidos ao meu estado ocular. Não liguei. Liguei, *mas não tanto*. Ligava mais para o meu destino, que certamente seria ali decidido em poucos minutos.

Julgava, não por coincidência, que deveria sentar-me ao lado de K. Fui atraído pra lá, meu inconsciente movimentou as minhas pernas. Afinal, nosso casamento estava nascendo, e uma semana de vida não poderia se acabar, morta, assassinada por uma simples canetada num quadradinho num papel.

Sentia-me como num palco. Os colegas de turma eram a plateia. Eu, *meu eu,* era meu próprio camarote. K era a protagonista, e minha alma era um fantoche.

O que seria de mim, meu deus?

Eis que professora S., subitamente, travestida de inocente impiedade, bateu o martelo:

— Thiago, para o fundo da sala!

Não olhei nos olhos de K. Certamente não estariam la-

crimejantes, tampouco por dentro. *Olhei*. Não olhava pra mim, seus olhos cruzavam com os de uma outra colega, com quem conversava animadamente. *E eu, e eu?*

Num lampejo, rememorei todos os nossos momentos ao longo do unilateral casamento de sete dias. *Eternos momentos*. Meus olhos choraram. Não era conjuntivite. Mas todos pensaram que era.

São Paulo, 12 de abril de 2009

Sabor indetectável

O sabor é indetectável. O pensamento chega, fica, passa e não esteve. O traço entre a noite o alvorecer. Uma sopa de sabor indetectável, insondável. E deliciosa.

Estive a lembrar de algumas histórias.

Toda infância, de certa maneira, é uma festa.

Não importa quantas dificuldades, barreiras e percalços a família encontre, na figura dos pais e irmãos mais velhos, para a criança tudo é uma festa. Festa. Uma grande festa chancelada pela inocência e pela ignorância semi-integral dos auto-hetero-abandonos tão característicos da vida adulta.

Para a criança, o mundo é muito grande. É enorme. Gigante. E assim sendo, tudo toma proporção maior. Uma brincadeirinha, um presente oferecido, um elogio despretensioso, uma festinha, um lanche com colegas... tudo se torna uma farra, uma comemoração, uma alegria, nesse lindo universo que "os anos não trazem mais" (tenho certas dúvidas se não trazem mesmo, mas isso é uma outra conversa)

Nesse contexto, fatos curiosos podem ocorrer. Curiosidades que ensinam aos adultos infantis que o mundo pode ser bom, que podemos ser otimistas, e que as pessoas podem ser boas.

Acho que tenho uma história.

Ano: 1991. Tinha nove anos de idade. Frequentava um clube perto de casa onde fazia aulas de natação e caratê, à

tarde, após o horário escolar. Embalado pelo sol-céu sempre límpido-azul de Salvador, as aulas de natação eram a maior diversão, bem como o intervalo após ela, até a aula de caratê, uma hora depois.

Nesse intervalo jogávamos bola com alguns amigos, ficávamos brincando na piscina, e, principalmente, íamos lanchar.

Lanche!! Ficava maravilhado com aqueles mistos, hamburguers, cheeseburgers, e toda açucarada exposta acintosamente por cruzeiros ou cruzados (não lembro a moeda), nos painéis reluzentes da lanchonete. Lembro que o misto custava 80, e o hamburger 120. Como só tínhamos 100 para o lanche, acabava sendo o misto.

Nossa! Era tão saboroso que o devorava em cinco minutos. E sempre, *sempre*, com o jeito espalhafatoso que me era peculiar, pedia outro, a altos brados, à minha mãe e às atendentes da lanchonete do clube, mesmo sabendo que não teria outro sanduiche. E feliz assim mesmo, ia para a outra aula. E todas as tardes assim era.

E assim ia.

Havia nessa lanchonete uma atendente chamada Flávia.

Flávia era de pele bem clara, tinha algumas sardas, baixinha, cabelos castanhos, algo acima do peso. Uma simpatia. E bastante tímida também. Quando chegávamos, eu sempre ia logo pedindo meu sanduiche, e minha mãe, ao pagar, e enquanto eu comia, sempre arrumava um motivo para elogia-la: "Flávia, como o sanduiche está delicioso!" "Flavia, como você está bonita hoje!" "Nossa, como você é uma simpatia!", e muitos outros generosos (e sinceros) ad-

jetivos. Flávia ficava vermelha, sorria timidamente, e partia para realizar seu competente trabalho gastronômico.

Nesses momentos, confinado a meu sanduiche, ia jogando as lembranças desses elogios para meu "escanteio mental". Mal saberia que tudo que é bom deixa marcas pra sempre.

Um dia, após terminar o lanche, permaneci na mesa com a mãe a esperar a hora para a próxima aula. Eis que Flávia, lá do balcão, surpreendentemente nos chama: "Dona Rosita, um presente para seu menino!"

Mal podia acreditar... ela tinha feito, por *sua conta*, *dois* mistos, *de graça*! Extasiado, dei pulos, gritos, urros de alegria, e os devorei no espaço de tempo em que comeria um só.

Tudo é maior.

Por muito tempo esta história ficou esquecida. Lembrei-a recentemente. Lembrei que um elogio, a exaltação de um valor, um gesto educado, "por favor-obrigado-bom-dia" pesam milhões de vezes mais que qualquer outra coisa. Isso rege as relações humanas. E sempre volta, de alguma maneira, sob alguma benesse. Mesmo sob a forma de dois sanduiches misto.

São Paulo, 01 de maio de 2009.

CRÔNICAS PSIQUIÁTRICAS

As crônicas que se seguem são fruto da minha prática como médico psiquiatra em momentos diversos da minha vida e prática profissional.

Sou grato à providência pela possibilidade de ter tido acesso ao que eu diria que hoje são dezenas de milhares de depoimentos. Aqui ponho uma brevíssima coletânea deles, como forma de pincelar a riqueza da experiência humana.

Nunca mais foi a mesma pessoa

Estava eu adentrando um novo dia de trabalho. O pronto socorro psiquiátrico do Hospital Santa Marcelina, na Zona Leste paulistana, era referência para urgência e emergência em psiquiatria para toda a região, composta por mais de 3 milhões de pessoas, muitas entre as camadas sociais mais baixas.

Representante típica de um país urbano de contrastes, a zona leste era povoada por todo tipo de gente. Classes sociais, profissões, estruturas familiares, nada escapava à sua geografia.

O mesmo poderia se dizer de suas histórias de vida e de adoecimento. Estar na porta de entrada de um pronto socorro onde, em tese, estaria sujeito a dar assistência a todo e qualquer tipo de aflição mental possível era um privilégio que à vida eu sempre seria grato.

Neste dia, um garoto pardo, ao derredor dos dezessete anos, origem humilde, chega acompanhado pela mãe. Senhora ainda relativamente jovem, estava completamente perplexa diante do que vislumbrava.

O garoto, descrito como rapaz de boa índole, estudioso, sem história de comportamento violento e uso de drogas, chegou ao pronto socorro em intensa agitação psicomotora. Babava, ameaçava a todos que se aproximavam com discurso desconexo e frases bizarras. Junto ao discurso ameaçador, grunhidos, urros e rosnados.

Após prescrição da contenção química e física fui esclarecer a situação com a mãe.

"Doutor, ontem esse menino saiu pra uma festa. Me falaram que fumou maconha lá e bebeu um pouco. Tempos depois, ele sumiu. Encontramos de manhã, perdido no mato, nu, chutando uma árvore e gritando do jeito que está aí. A custo conseguimos que uma ambulância fosse buscá-lo".

Como tratamento de emergência, nos restou iniciar a contenção química e mecânica visando a preservação da integridade do paciente e do seu entorno. O garoto foi mergulhado em sono profundo e uma trégua neste combate cruel foi forçada.

Infelizmente, a resposta ao tratamento se mostrou pobre e após muitos meses, o garoto muito pouco tinha evoluído.

Soube, anos depois, que nunca mais voltara a ser o que era.

Doutor, são SETE!

Enquanto iniciava minha jornada pela psiquiatria, no ambulatório da residência médica, me foi dada a oportunidade de atender um rapaz de trinta e seis anos, auxiliar de serviços gerais.

Determinada consulta me marcou pelo seguinte diálogo:

— Doutor, sou perseguido por sete espíritos diferentes. Acho que eles querem me matar.

— Como assim? espíritos?

— Isso, eles estão conjunto com o inimigo!

— E o que eles fazem?

— Ah, eles me perseguem, me tentam fazer o mal...

— Mas por quê? você fez alguma coisa a eles?

— Não sei porque.

— E quem são eles? você sabe?

— Umbanda, candomblé, centro espírita, macumbaria, feitiçaria e magia negra. Na verdade, não são sete espíritos. São *sete tipos de espírito*.

— Mas você citou seis... falta um por agora.

Nesse momento, meu interlocutor, portador de Esquizofrenia Paranoide, passou a contar nos dedos os *tipos de espíritos* que o perseguiam e concluiu realmente que tinha citado seis, e estava faltando um. E disse:

— *Bruxaria*. Bruxaria, candomblé, umbanda, centro espírita, macumbaria, feitiçaria e magia negra. Tudo a mesma coisa. Na verdade, não são sete espíritos. São *sete tipos de espírito.*

— Você é quem sabe. Mas não deixem que eles atrapa-

lhem seu casamento, sua convivência familiar e seu desempenho no emprego. Como é isso pra você?

— Pode deixar, doutor. Eles não me incomodam mais, porque ninguém vai me tirar do caminho de Deus. Nenhum espírito entra em mim porque ninguém me tira de minha fé.

— E as pessoas que convivem com você? sabem que eles te perseguem?

— Ah... doutor, eu falava pra elas, alertava, avisava. Mas elas me olhavam de um jeito estranho... uma vez me trouxeram aqui neste hospital, e eu não entendi nada! Me disseram que eu estava louco, mas eu não sou louco não.

— Por que você não é louco?

— Porque eu não rasgo dinheiro, e além do mais pago minhas contas e não incomodo ninguém.

— Tem razão. Pois bem, vou marcar sua consulta pra daqui a três meses e se acontecer alguma coisa diferente você me fala, ok?

— Tudo bem. Mas, doutor, queria fazer uma pergunta.

— Claro, fique à vontade.

— Qual a doença que o senhor está tratando em mim?

— Você tem uma doença chamada esquizofrenia paranoide, que tem tratamento e respostas variadas ao mesmo. Não é maluquice ou loucura, isso não existe. Não é um termo técnico, usado pelos médicos.

— Ufa, que alívio! e por causa dessa doença que os espíritos me perseguem? Essa tal de "efe vinte"?

— Esta resposta você que terá que encontrar. Mas pode ter certeza de que sem o tratamento adequado tudo será muito pior.

Ele pareceu satisfeito, e simplesmente levantou-se, apertou a minha mão e, com um sorriso, se despediu.

"Sujeito simpático", pensei.

Que fazer com tantos fantasmas?

O bêbado e o artista

Numa fria madrugada junina na São Paulo dos anos 00, enquanto eu era plantonista de um grande hospital público, me foi dada a oportunidade de atender J.F.

Este senhor era "frequentador" do pronto socorro por ser dado a quedas e tropeções após episódios de libação alcoólica nos bares da região. Geralmente era trazido por populares, completamente embriagado (muitas vezes desacordado), tendo sido encontrado caído no chão com algum talho no rosto ou no couro cabeludo.

Nas vezes que a cirurgia acionava a psiquiatria, não conseguíamos localizar seus familiares. J. não fornecia nomes, não colaborava. Serviço social ausente naquela hora da noite. Tentávamos aproveitar a oportunidade para conhecer melhor sua vida, sua história, e tentarmos oferecer algum tipo de assistência ou ajuda para intervir naquele ciclo vicioso — visivelmente disfuncional.

Na dita madrugada, J. F apareceu acompanhado da sua mãe. Chorava muito. Estava embriagado, mas não a ponto de comprometer a capacidade de contar uma história coerente. Decidi não perder a oportunidade de interná-lo e fazer uma "limpa" em sua vida e em sua saúde.

Ao iniciar a entrevista, aos gritos, J. F exigiu que os enfermeiros e sua mãe se retirassem do consultório. Como não havia nenhum comportamento de risco, autorizei sem problemas. Chorando sentidamente, começou a falar:

— Doutor, me ajude. Não consigo parar de chorar, to muito emocionado...

— Por quê? O que está havendo? Me conte.

E então retira uma foto do bolso. Na verdade, era um velho recorte de revista, manchado de sangue, amarrotado. Mas via-se, devido à fragilidade do papel e à visível antiguidade do mesmo, que J. F tentava preservá-lo ao máximo das intempéries e, talvez, do seu próprio comportamento de risco.

Tratava-se de uma foto de Raul Seixas, cantor baiano falecido em 1989. Atrás, escrito "para J. F com carinho". Assinado e datado. Contou que a mãe do cantor o havia dado em uma ocasião, mas que nenhum dos seus amigos e familiares acreditava na história.

— Por que se emociona?

— Não sei... olho pra ele e não aguento! É muita emoção!

Lágrimas e mais lágrimas.

J. F foi internado voluntariamente, tratado da intoxicação alcoólica, da abstinência e da síndrome de dependência, recebendo alta em seguida. Ao longo das consultas de seguimento, percebi que J. sempre reafirmara a veracidade da história. Dizia que eu era o único que realmente acreditava nele.

Após alguns anos as consultas foram escasseando, até cessarem por completo. J. F nunca mais fora visto.

Garota enxaqueca

Numa ensolarada manhã de sábado, estava eu de plantão num pronto socorro de clínica médica na zona leste de São Paulo. Soteropolitano, amante das manhãs de sábado, usava minha vontade de estar numa calorenta praia para dar o melhor para os pacientes que buscavam a emergência.

O fato de ser uma emergência de clínica geral não me furtava a oportunidade de presenciar casos interessantes do ponto de vista psicológico. Um deles é o que se segue.

Maria (nome fictício), feminina, faxineira, casada, na faixa dos quarenta anos (porém aparentando pelo menos mais dez), pediu pra "abrir uma ficha", com cefaleia (dor de cabeça) como queixa principal.

— Olá D. Maria*. O que a traz aqui neste consultório?

— Ah doutor, estou com uma dor de cabeça que me mata...

E deitou-se a falar da tal dor de cabeça. A dor *descia* pelo pescoço, *dava um formigamento* pelo braço, *dava uns choques* nos dedos, *caminhava* pelo peito e *subia feito fogo* pela cabeça, deixando o rosto todo vermelho.

Ainda sem saber o motivo, minhas últimas leituras me fizeram largar (pelo menos por um tempo) a presunção de relevar esses sintomas "delirantes" que muitos pacientes relatam. Estes sintomas, carregados de significado, são nosso maior tesouro propedêutico. Bem embaixo do nosso nariz.

— E essa dor fica *suando meu cérebro*...

A despeito da atenção clínica que exigia a profissão e a ética médica, não pude conter a curiosidade. Com palavras simples, belas metáforas e gestos frenéticos, aquela mulher, aquele corpo, aquela alma, de alguma maneira, falava o que lhe ia por dentro. Falava, em exclusiva linguagem, onde estava a doença. *O que era* a doença.

Eu, curiosamente, tentava, com meus olhos, sentidos e mente dissecar o que lhe ia no íntimo. E não havia mais que cinco minutos que tinha posto os olhos sobre sua anônima figura.

— E você acha que está com tudo isso por que motivo?

Ela estacou. Disse claramente que não estava acostumada a consultórios médicos do serviço público, ainda mais com tais interpelações. Não estava habituada a dar sua visão da própria doença.

Logo *ela mesma*, quem mais sabe sobre ela, paciente representante da obscura onisciência popular sobre as alterações e patologias que sofrem.

Ainda surpresa com a total, informal e inusitada "inversão de papeis", desandou a falar:

— Pois é... meu marido tinha uns sócios... era dono de transportadora. Pegou um empréstimo no banco em seu nome para dar o dinheiro aos colegas. Eram estelionatários.

— Como?

— Isso mesmo. Venderam dois caminhões de sessenta mil por cento e vinte cada. E disse que se meu marido *desse parte* deles, ele tava morto.

— E aí...?

— Nisso ele teve que vender a casa. E eu, que era ma-

dame, agora sou faxineira. Mas o importante é que é um trabalho honesto.

E sorrindo, passou a falar, longamente, sobre as bênçãos de Deus sobre o trabalho firme e honesto. Cada vez mais sorridente, disse que estava feliz por estar fazendo sol em São Paulo.

Eu, no meu canto, permanecia mudo. Quinze minutos mudo. Quinze minutos em uma emergência médica (médicos sabem) era uma eternidade.

— É doutor, tenho que ir agora. Tenho que trabalhar. Deus te abençoe e te ajude.

E esquecendo-se da florida dor de cabeça (que eu também tinha esquecido), levantou-se sem mais uma palavra e saiu, deixando no consultório um jovem, curioso e estupefato médico. Não pediu um parecer, um diagnóstico, um exame, um encaminhamento, um remédio.

Nada.

Entrou, foi acolhida, acolheu-se, falou, organizou suas ideias e a dor se foi.

Bem ali, na minha cara. Fato real.

Ninguém sabe nada.

A Cesar o que é de Cesar

Em todas as empresas que trabalhei, sempre busquei estar ao máximo disponível para todas as demandas que se apresentassem. Fosse o objeto do meu trabalho, propriamente dito (ou seja, o atendimento clínico aos pacientes), fosse como consultor informal.

Esta tarefa é especialmente interessante porque foge completamente aos ritos oficiais do exercício da profissão. E justamente por isso, tem subliminarmente um potencial fantástico de ajudar a vida de muita gente.

Tal fato envolve "orientações de corredor": quando um colega de profissão, membro outro da equipe de saúde ou algum paciente, parente ou conhecido de paciente lhe "para" para contar um caso, tirar dúvidas, pedir informações sobre alguma doença ou remédio, o ou até tentar a famigerada "consulta de corredor". A luta pela saúde pertence ao inconsciente coletivo do ser humano. É uma guerra. E numa guerra, todas as armas devem ser utilizadas. Nada disso faz parte da função "oficial" do médico em uma instituição de saúde.

Numa destes momentos, um colega me falou sobre o paciente R, encaminhando-o ao meu consultório. R. tinha 35 anos, era técnico em informática, e após um divórcio entrou em um quadro depressivo leve que se arrastava havia anos. Não tinha prazer em sair, em se divertir, nem ouvir músicas (atividades que sempre realizou).

Perdeu muito peso, não apreciava os alimentos. Passou a ter sono entrecortado e repleto de pesadelos. A tônica dos seus pensamentos era a tristeza, a baixa autoestima, um pessimismo irremovível e total falta de energia para atividades que não fossem o trabalho (que realizava a duras penas) e as visitas quinzenais à sua filha em idade pré-escolar (cuja guarda ficou a cargo da mãe).

Após muita conversa, dei o diagnóstico de distimia. Distimia consiste e um quadro crônico composto por sintomas depressivos leves, subclínicos e flutuantes, que causam bastante disfunção e sofrimento, mas não chegam à gravidade e à morbidade de um quadro depressivo pleno.

Iniciamos um tratamento, no qual, além da medicação adequada, indiquei formalmente psicoterapia. Também aconselhei a busca de tratamento espiritual na igreja evangélica que frequentava.

Operou-se uma verdadeira revolução.

R. após a consulta de retorno (geralmente em seis a oito semanas), apresentava-se rijo, otimista, com planos para o futuro. Entrara em entendimento com sua ex-esposa por sobre as visitas e acabara por iniciar um diálogo sobre a guarda compartilhada. Passou a relaxar mais, a conseguir ter prazer com as pequenas coisas da vida, a se sentir renovado em sua fé e a conseguir orar à noite.

Por conta disso, passou a dormir melhor, deixando de chegar atrasado ao trabalho. O medo de perder o emprego foi-se embora, o que melhorou sua autoestima. R. Tinha entrado em *remissão* (termo técnico para melhora quase completa dos sintomas).

Terminamos a consulta. Ao fim o expediente, fui informado pela secretária que R. não tinha pago a consulta, ficando de trazer o dinheiro em data próxima.

Passaram-se muitos meses, de forma que tinha quase esquecido o assunto. Eis que, em certa quarta feira, a funcionária trouxe o assunto à tona. Fiquei intrigado. Como um homem de visível nobreza, que acabara de reencontrar sua linha de vida, seu caminho, ignorara solenemente meus honorários?

Dormi tarde neste dia. Em sonho, R. me aparecia sorridente, irradiando forte luz branca, e sorria para mim sem nada dizer.

Acordei com excelente impressão. Cheguei ao consultório e fui para minha mesa. Enquanto arrumava os papeis para o início dos atendimentos, minha secretária grita da sala de espera:

— Doutor, o rapaz, aquele R., que *tava* sem pagar, veio aqui mais cedo e deixou o dinheiro viu!

Amor de família

A história que se segue faz parte do meu acervo de memórias profundas da fatia da biblioteca cerebral reservada aos casos que vivi (e vivo) na psiquiatria.

Há histórias realmente chocantes, seja pelos fatos em si, seja pela inusitabilidade deles, seja por chocar os valores morais do médico. O profissional, contudo, deve seguir o imperativo ético de assistir ao ser humano "sem distinções de qualquer natureza".

Trata-se da história de Flavia*. Flavia, uma adolescente de catorze anos, procedente de uma cidade de vinte mil habitantes no interior da Bahia, distante 550 km da capital, veio ao meu consultório trazida pela mãe e pela prima.

A mãe era uma senhora simples, de pouca instrução e de trato grosseiro, apesar de contar com certa suavidade no semblante e em alguns gestos. A prima era mais instruída, esclarecida e acostumada a visitar Salvador.

Não me recordo o autor da indicação, mas ver uma adolescente extremamente desamparada vir ao meu consultório de tão longe, sem sequer me conhecer, foi um fato que me tocou.

Muito tímida, tentei deixá-la ao máximo à vontade, mantendo uma postura mais informal e garantindo o sigilo médico. Deu certo. Flavia contou que vinha com muita tristeza, muita angústia, dificuldade para conciliar o sono e para socializar com as pessoas. Apesar de seu comporta-

mento normal ser muito diferente do descrito, a paciente não parecia surpresa pelo fato de hoje ser (nas palavras da sua mãe) uma pessoa "totalmente diferente do que era".

A adolescente sempre se retraia quando eu questionava sobre os estressores (gatilhos) precipitantes do quadro atual. Falando pouco, quando tocava neste ponto, não mais conseguia avançar.

O exposto, todavia, permitia-me afirmar que se tratava de um episódio depressivo moderado e que, independente das comorbidades (patologias outras que cursasse, mesmo que não esclarecidas), eu estava autorizado pelo conhecimento médico e pela ética médica a iniciar tratamento medicamentoso e psicoterápico.

Receitei um antidepressivo e pedi que voltasse em alguns meses. Também indiquei psicoterapia regular e tratamento espiritual baseado nas crenças e instituições que frequentasse.

No intervalo entre a consulta descrita e a consulta de retorno, Flavia melhorara sensivelmente. Ficou tão feliz com a melhora que me enviou um e-mail cogitando antecipar a consulta de retorno e me pedir alta.

Na bendita consulta, Flavia retornou muito *pior*. Chorosa ela, surpreso eu, confidenciou:

— Doutor, eu fiquei mal assim porque uma colega de escola me chamou de trouxa. Fez *bullying* comigo, disse que eu era boba, fraca, frágil... Eu já tinha a auto estima baixa, e perdi o ânimo pra tudo. Mas nesse tempo todo, não consegui parar de pensar em uma história que ela contou.

Pedi para que continuasse.

— Vou contar o que ela disse. Ela passou a me xingar depois que eu fiquei abalada com uma história que me im-

pressionou muito. Lá na cidade tem muitas festas de adolescentes. Numa dessas festas, um vizinho que nunca usou drogas usou cocaína pela primeira vez. E acabou tirando a virgindade de uma menina num dos quartos da casa da festa. A menina, de treze anos, engravidou, e só falava em abortar e se matar. Mesmo grávida e falando em se matar, beijou numa festa *outro* menino na frente dele. Ele foi, matou ela e o bebê. Depois de preso ele descobriu que ela era irmã dele, filha do pai com outra mulher fora do casamento com a mãe.

Não pude esconder uma cara de espanto com este enredo mais comum do que se costumava pensar, e ao mesmo tempo típico de uma novela mexicana. Flávia continuou:

— Ele matou a irmã, grávida de um filho que ele gerou. Quase enlouquece. Foi preso. Eu os conhecia. Não conseguia parar de pensar. Fiquei falando, falando do caso e minha colega passou a me xingar, e a fazer *bullying* comigo...

E então Flávia teve uma longa crise de choro.

Sensibilizado, fiquei um tempo calado pensando em toda a cadeia de bizarrices que acabaram levando Flávia à depressão.

Chamei a sua mãe, de nome Sandra*. Visivelmente abalada e insegura, apenas me olhava sem nada dizer. Passei a questionar a estrutura familiar, pois temia que Flavia piorasse a ponto de pensar em suicídio, e nesses casos a presença de uma família interessada e estruturada é de fundamental importância.

Eis que de supetão, Sandra diz:

— Doutor, amo muito Flavia, amo mesmo...

— Imagino (onde ela queria chegar?)

E virando-se para Flavia, disse:

— Minha filha, eu te amo demais. *Você é adotiva*, mas o amor é o mesmo.

Imediatamente, percebi a expressão de espanto da minha paciente.

— *Quê*? Conseguiu dizer Flávia após vinte longos segundos.

— Você *não sabia*? Perguntei

— Estou sabendo agora...

Sim amigos. O ser humano é capaz de tudo.

Não encontro, neste momento, adjetivos para tudo que assisti.

Mas o fato era que realmente havia amor naquela família. A prima de Flávia, entendendo o drama, se aproximou mais e a acompanhou em todas as etapas do tratamento.

Retornou melhor após alguns meses e nunca mais voltou ao meu consultório.

Apesar do senso comum considerar sua história uma tragédia, seu livre arbítrio mais profundo decidiu melhorar e seguir em frente.

Nunca devemos nos esquecer que, por trás de um drama familiar, na imensa maioria dos casos neste planeta, há relações mal resolvidas.

São Paulo, 27 de fevereiro de 2016

Para entrar em contato com o autor, escreva para:

thiagocol82@gmail.com

E-BOOK

Amarelo e Azul

Este livro foi composto no formato 15,0 x 21,0 cm,
fonte Minion Pro (texto principal e títulos).
Em abril de 2026.

Contos, contos de fadas crônicas da vida e crônicas psiquiátricas.
Thiago Oliveira traz nestas dimensões da sua obra em prosa vivências, impressões e divagações sobre este fantástico universo paralelo que existe na mente de cada um de nós.



ISBN: 978-65-83341-31-0

Editora zarte